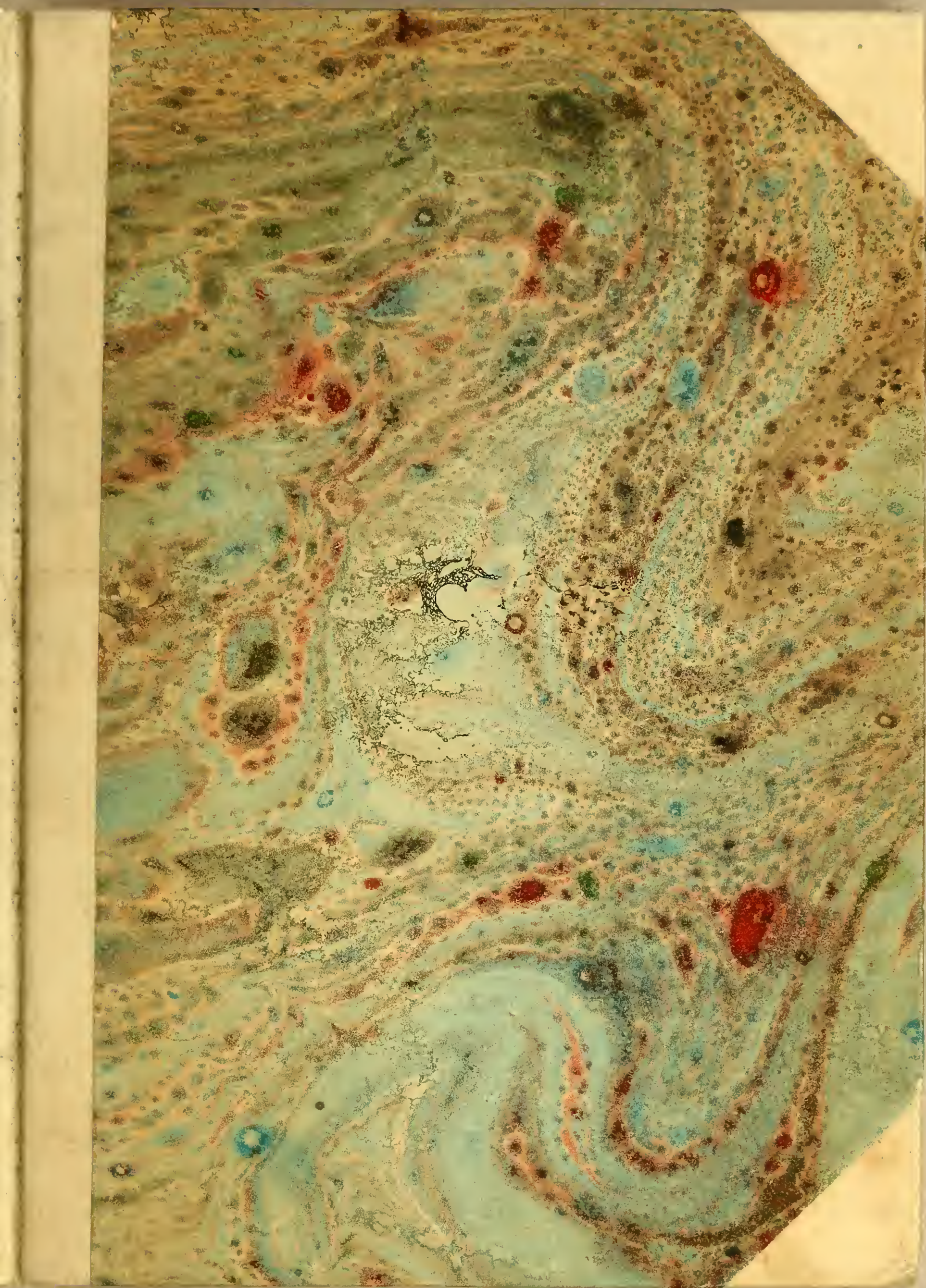
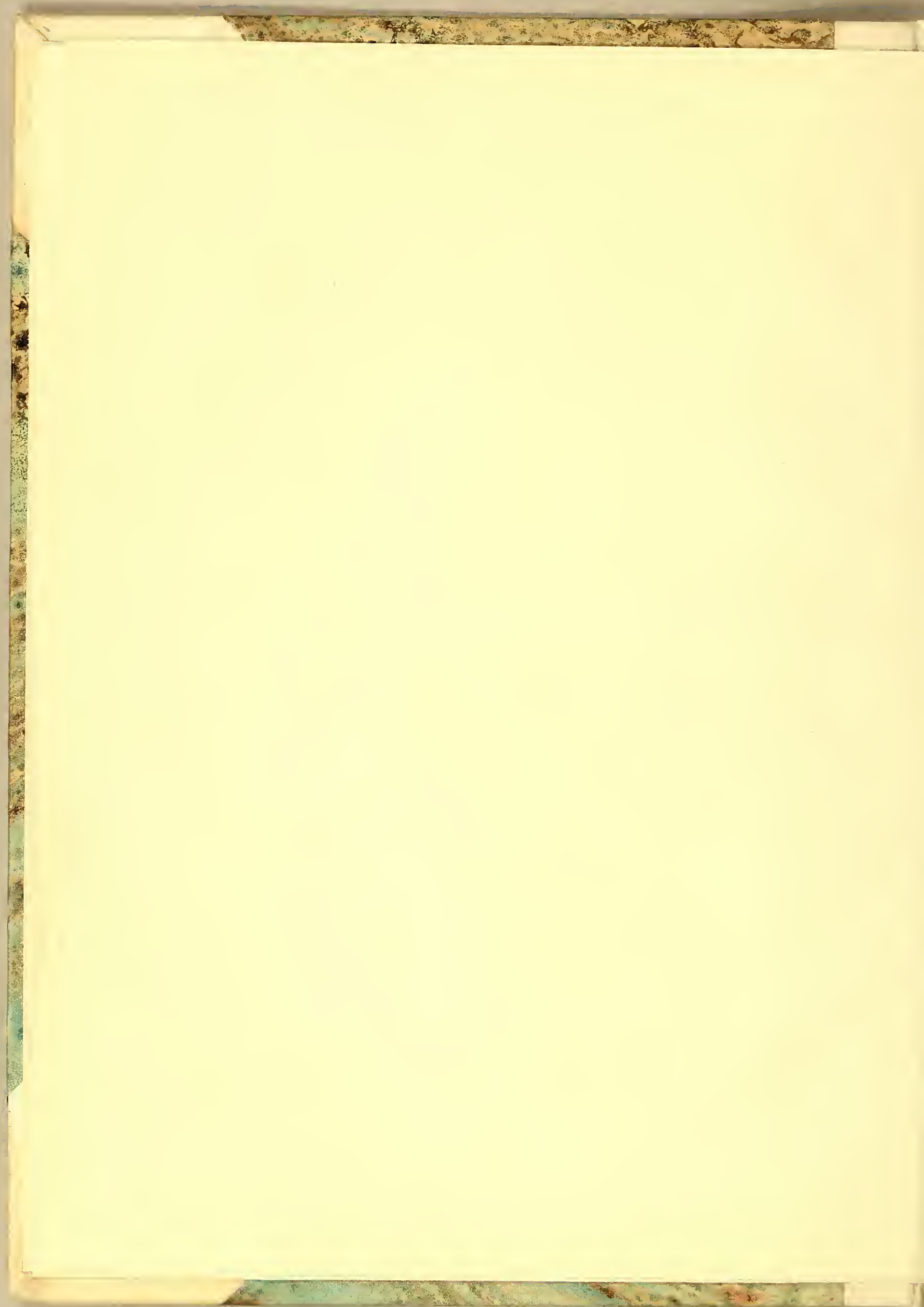




J

IPHIGÈNIA

TRAGÈDIA

DE

JOÃO RACINE.

TRADUZIDA EM VERSO PORTUGUEZ, E OFFERECIDA COMO UMA PROVA DA MAIS SINCERA GRATIDÃO.

AO

ILL.MO E EX.MO SENHOR
CYPRIANO RIBEIRO FREIRE,
DO CONSÊLHO DE S. M. O REY NOSSO SENHOR, SEU MINISTRO PLENIPOTENCIARIO EM LONDRES, &c. &c. &c.

PÉLO

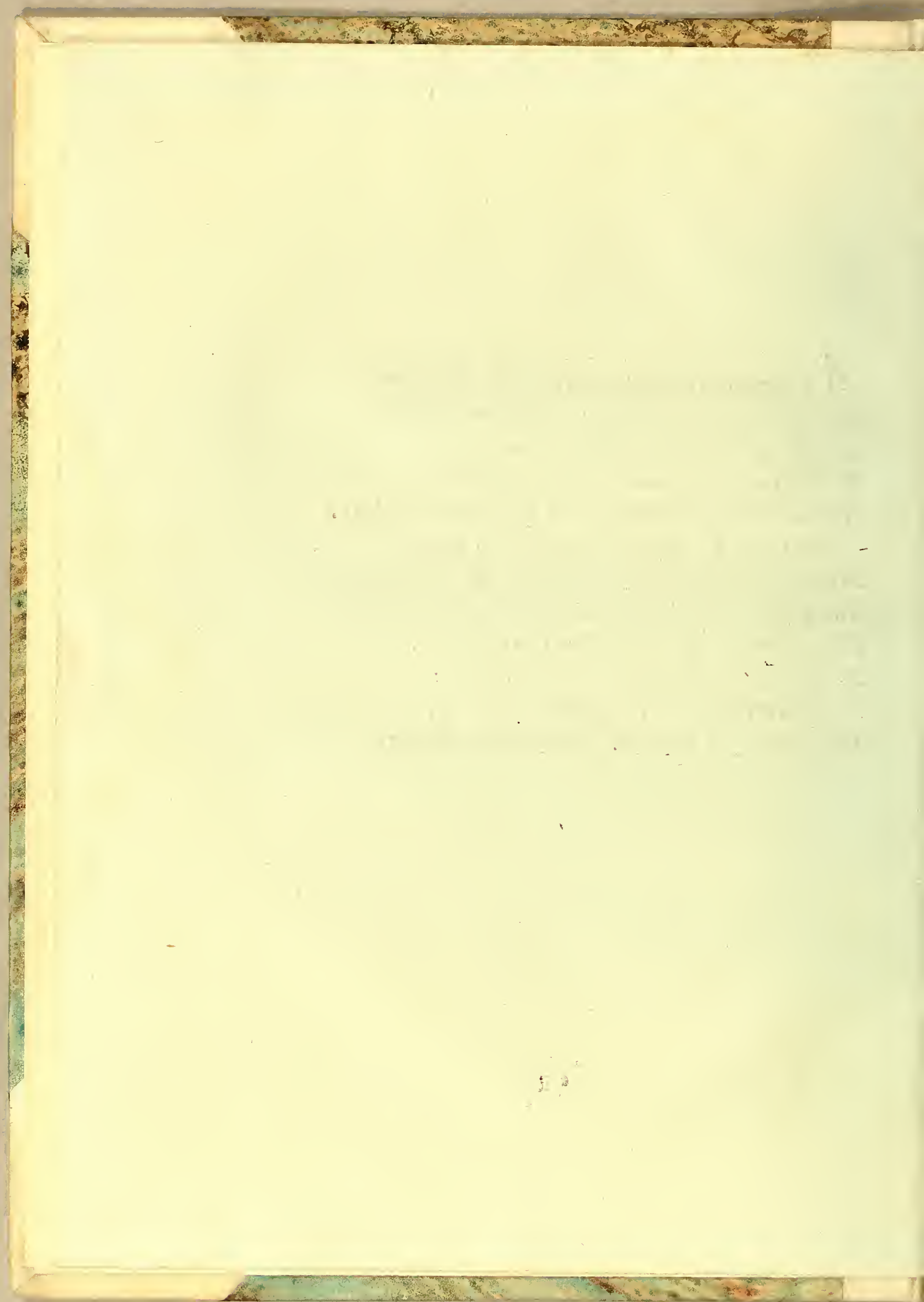
D.R ANTONIO JOSÈ DE LIMA LEITÃO,
Mèdico da Escola de Paris, e Phỳsico Mòr da Capitania de Moçambique.



RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO RÈGIA. 1816.
Com licença da Mêza do Desembargo do Paço.

Vende-se na loja de Manoel Joaquim da Silva Pôrto, na rua da quitanda à esquina da de S. Pêdro, por 800 rs.

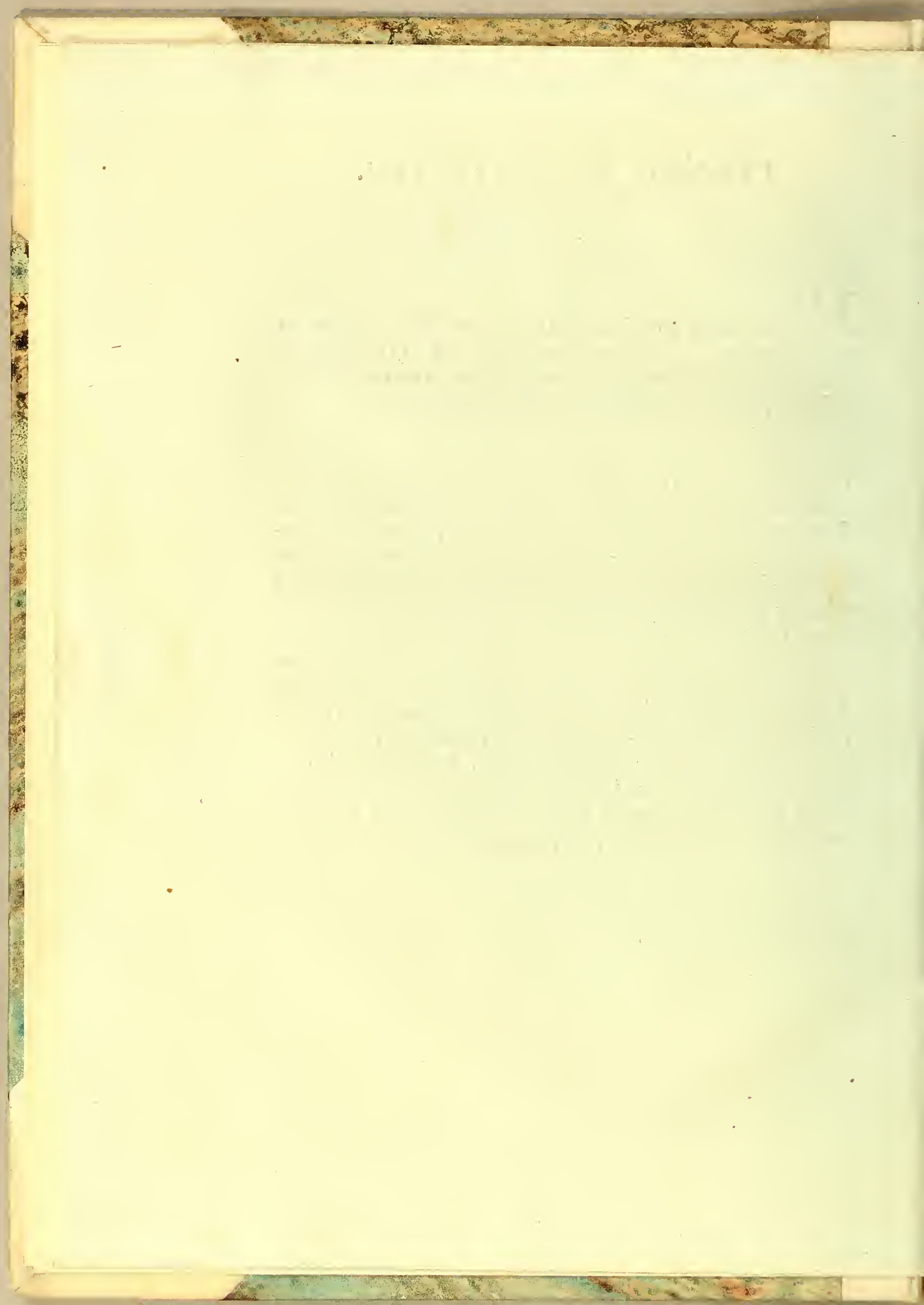
AO de um tão digno Rei digno Ministro,
Que, sò co' amor do bem, mil bens espalha,
O Vate agradecido vota, ufano,
De Virtude um painel, vota Iphigènia,
Que a Racine franqueou da Glòria o Alcàçar.
Qual o Sol, ao erguer accêsa a frente,
Mostra, no seu fulgor, do Eterno assomos;
Tal Freire em si mostrou, do Vate aos olhos,
Das Virtudes de João almos revèrberos.
E' glòria bens dever às almas nobres:
E a Gratidão nos corações os grava,
Imagens, que appagar nem pòde a Morte.



PREFÀCIO DO TRADUCTOR.

FIZ o meu possivel pâra pôr em Portuguez os pensamentos, e bellêza de estilo do incomparavel Racine, traduzindo um verso Francez em outro Portuguez, exceptuando em três lugares escuros, que foi necessàrio acclarar, e ampliar, mêsmo segundo o parecer do commentador Boisjermain; então de três versos do original fiz seis na traducção. Os cruditos conhecerão quão custosa foi a minha emprêza. Não me glorio de ter abicado o fim, a que me propuz; êlles o decidirão. Pêlo menos espero que olharão benignamente o meu trabalho, visto proporcionar à scena Portuguêza um dos chefe-de-obras do melhor Trágico moderno, que ainda nella não era conhecido. Trabalhei pâra que a minha linguage fôsse pura; e se mais algum tanto me attrevì, foi porque o julguei de ùltima necessidade, pensando fundar sempre em Horàcio os meus attrevimentos.

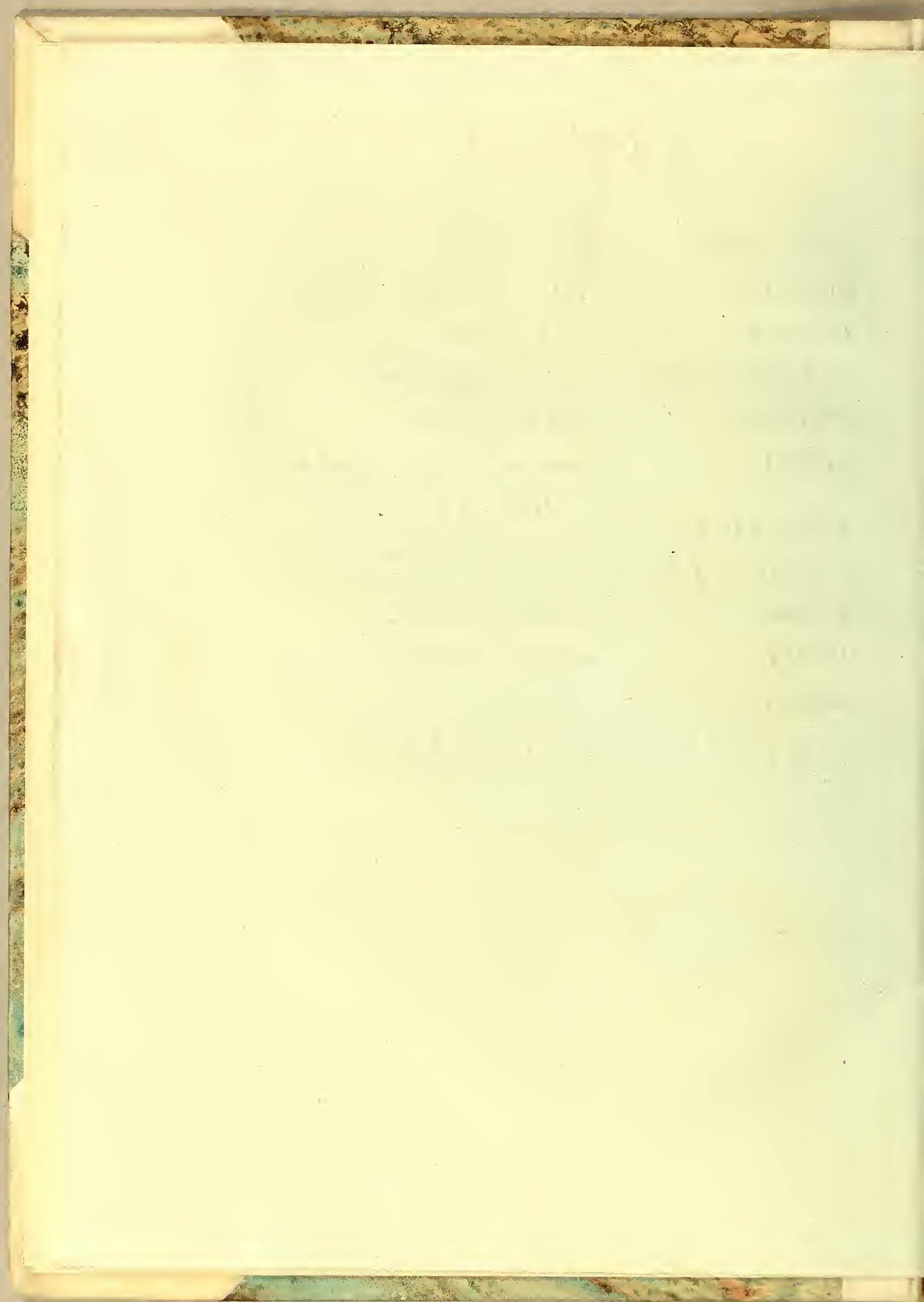
Conto publicar em breve uma memòria sôbre a Orthographia Portuguêza, onde darei rasão da que uso, a qual me parece havel-a eu sujeitado a regras sìmplices, invariaveis, e poucas.



ACTÔRES.

AGAMEMNON,	*Rei de Argos.*
ACHILLES,	*Prìncipe Grêgo filho de Tethys.*
ULYSSES,	*Rei de I'thaca.*
CLYTEMNESTRA,	*espôsa de Agamemnon.*
IPHIGÈNIA,	*filha de Agamemnon.*
ERÌPHILE,	*nome dado a Iphigènia, filha de Theseo, e de Helena.*
EURYBATO, ARCAS	*criados de Agamemnon.*
EGINE,	*ama de Clytemnestra.*
DORIS,	*confidente de Erìphile.*
Guardas.	

A Scena è em A'ulide, na tenda de Agamemnon.



IPHIGÈNIA

TRAGÈDIA.

ACTO I.

SCENA I.

Agamemnon, *Arcas.*

Agam. AGamemnon, teu rei, è quem te accorda,
Sim, vem, e reconhece a voz, que escutas.
Arc. E's tu mêsmo, Senhor! Que sèria urgencia
Te fez surgir tão longe inda da aurora?
Dèbil clarão te luz, me guia apenas.
Em A'ulide sò tu, e eu não dormimos.
Algum rumor nos ares percebêste?
Ouvir-nos-hião esta noite os ventos?
Mas ventos, pego, nàos, tudo repoisa.
Agam. Feliz quem, satisfeito em sorte humilde,
Livre do àspero jugo, que me prende,
Dos Deuses por favor, vive ignorado!
Arc. Des de quando, Senhor, fallas dest'arte?
Entre honras tantas por que ultrage occulto
Os Deuses, sempre a ti tão complacentes,
Desconhecer, e odiar seus dons te deixão?
Rei, pai, feliz espôso, A'trida ovante,
Na mais rica porção da Grècia imperas.
Dão-te sangue de Jove os avòs tôdos;
Rëune-te Hymeneo aos pàtrios Divos.
De Orac'los mil gabado o môço Achilles,
Achilles, a que o Cèo prodìgios guarda,
Busca em fim tua filha, e arder intenta

De Hymen tão bello a tocha em Teucras flammas.
Qual glòria, quaes laureis, Senhor, igualão
A pompa, que estas ribas te alardeião?
E as mil nàos, que, com vinte reis ufanas,
Pâra sob ti partir sò vento aguardão?
Teimosa calma, è certo, obsta as conquistas.
Sôbre nòs, luas tres, soppeado o vento
Nìmio te cerra a estrada aos muros de l'lio.
Mas cheio de honras taes em fim ès homem.
Durante a vida, a sorte sempre instavel
Nunca te prometteu contìnua dita.
Presto . . . Mas tal papel quaes males traça,
Que te arrancão, Senhor, êsse agro pranto?
No bêrço acaso a morte assalta Orestes?
Choras tu Clytemnestra, ou Iphigènia?
Que te escrevem, Senhor? Peço mo digas.

Agam. Não, tu não morreràs; soffrel-o è crime!

Arc. Senhor! . . .

Agam. Ves-me turbado, eis o motivo;
Julga, amigo, se è tempo, em que eu descance
Lembras-te o dia quando a armada inteira
Em A'ulide a chamava o fausto vento.
Partimos. Jà com gritos mil ovantes
De Tròia ao longe as margens ameaçamos.
Pasmôso assombro susta êste transporte:
No pôrto nos deixou falsàrio o vento.
Forçôso foi parar, e o remo inutil
Luctou debalde com o immovel pego.
Tal prodìgio inaudito à Divindade,
Que aqui se adora, a recorrer me instiga.
Menelào me seguio, Nestor, e Ulysses,
E hòstia sagrei secreta em seus altares.
Qual a resposta foi? Quem fico, oh Arcas,
Quando a Calchas ouvi tão duro annuncio?
Armães podêres vãos contra Dardania,
Se em sacrifìcio festival, e augusto,
Virgem, sangue de Helena,
Aqui não avermeilhe o altar de Diana.
Pâra os ventos obter, que o Cèo vos nega,
Sèja Iphigènia a vìctima.

Arc. Tua filha!

Agam. Confuso, como è crivel,
Gelar senti meu sangue em tôdo o côrpo.
A voz se me prendeu; sò voltar poude
Rebentando um volcão de mil suspiros.
Os Deuses increpei; sem mais consultas,
Desobediencia lhes jurei nas aras.
Quanto então se atterrou meu terno peito!
Sùbito licenciar quiz as phalanges.
Approvar finge Ulysses meus discursos;
Deixa o ìmpeto passar de iras primeiras:
Mas prompto, usando seus ardìs tyrannos,
A honra me ponderou, o bem da pàtria,
Tanto pôvo, êstes reis sob o meu mando,
E da A'sia o impèrio à Grècia promettido;
Com que ar, tôdo immolando à filha o Estado,
C' os meus caducar fôra, eu rei sem glòria.
Dos reis ser eu o rei, da Grècia o chefe,
Mêsmo o confesso com pudor sincero,
Aliciava-me o peito altivo, e dèbil.
Por me os damnos coroar, de noite os Deuses,
Mal me aliviava as penas leve o somno,
De aras suas vingando o jus sanguento,
Sacrìlega piedade me increpavão;
E ao triste esp'rito meu mostrando o raio,
O braço erguião jà contra o desprêzo.
Arcas, cedì; vencido por Ulysses
Mando em pranto immolar a pròpria filha.
Mas com que arte a arrancar da mãi aos braços?
Qual necessàrio foi ardil funesto!
De Achilles, seu amor, fingi-lhe preces.
Pâra a viage appressar escrêvo ä Argos
Que devendo êste heròe accompanhar-nos,
Queria dar-lhe a mão, partir-se espôso.
Arc. E não tèmes de Achilles a impaciencia?
Pódeste crer que mudo, e sem furôres
Esse heròe, que armarão o amor, e os d'reitos,
Te sôffra em crime tal fingir seu nome?
Verà sacrificar a pròpria amante?
Agam. Longe era Achilles: tinha-o, tu te lembras,
Peleo, seu pai, chamado destas margens,
De hostil visinho as iras recëando;

E por tôda a apparencia, Arcas, tal guerra
Fez crer-me que mais longa a ausencia fôra.
Mas quem pode a esta enchente obstar o impulso?
Achilles vai pugnar, sùbito vence.
E êste heròe, sempre apoz o seu renome,
Com a noite chegou hontem à armada.
Mas mais fortes prisões retêm meu braço.
Minha filha, que perto corre à morte,
Que, longe de cuidar tão cru decreto,
Das bondades do pai talvez se applaude;
Minha filha... O sò nome è tão sagrado!
Por joven, por meu sangue a não deplòro,
Deploro o mùtuo amor, e mil virtudes,
Quão cuidosa è de mim, quão lhe sou terno,
Respeitos, que em sua alma nada allue,
E que eu melhòr pagar votado havia.
Não, não crerei, oh Cèo, se tens justiça,
Que approves o furor desta atra offerta!
Conhecer quiz-me, è certo, o teu orac'lo;
O horror de a perpetrar em mim puniras.
Pàra esta confidencia eleito ès, Arcas.
Cumpre-te aqui mostrar prudencia, e zêlo.
A raïnha, que em Sparta te achou fido,
No auge te poz, que junto a mim occupas.
Tòma esta carta. Corre-lhe ao encontro;
Ràpido segue a estrada de Mycenas.
A viage, assim que as vires, lhes suspende;
Da-lhe essas linhas, que tracei agora.
Não te percas: um guia experto busca.
Se o chão de A'ulide piza a minha filha,
Logo eil-a morta. Aqui a espera Calchas,
Que obstar-nos-hà chorar co' a voz dos Deuses;
E ouvidos sò darà tìmida a Grècia
A' religião irada em nosso damno.
Esses, que a inveja azeda ao ver meu brilho,
Questões formando, annullarão meus d'reitos;
Grào, que ciume lhes faz, talvez me arranquem.
Vai, digo; salva-a da fraquêza minha.
Mas, cuidado; não vàs, por zêlo incauto,
O funesto segrêdo descubrir-lhes.
Ignore sempre a filha o risco extremo,

A que o imprudente pai a tinha expôsto.
De irosa mãi me poupa os alaridos;
Co' a carta põe de accôrdo o que diceres.
Por despedir a filha, e a mãi lesada,
Finjo-lhes que mudou de ânimo Achilles;
Que agora quer, athè voltar de Tròia,
Sustar êste hymeneo, que o amor lhe instava.
Podes juntar que do esfrïar do Pèlides
Se culpa a occultas a donzella Erìphile,
Que de Lesbos captiva êlle trouxera,
E que em Argos està com Iphigènia.
E' bem assaz; convem callar o resto.
Jà vemos reluzir mais alto o dia:
Mêsmo hà quem entre jà; rumor escuto.
E' Achilles. Vai. Cèos, com êlle Ulysses!

SCENA II.

Agamemnon, Achilles, Ulysses.

Agam. È Possivel, Senhor, que em vôo tão ràpido
A por-te em A'ulide a victòria torne?
São taes prelùdios de um valor nascente?
Que loiros tem de vir apoz tal glòria!
Calmada, ou feita em pò Thessàlia inteira,
Tomada Lesbos sem chegar o exèrcito,
De outro qualquer valor padrões eternos,
Mais que brincos não são do òcio de Achilles.
Achil. Honra menos, Senhor, dèbil conquista.
E em breve queira o Cèo, que nos suspende,
Ao coração me abrir mais nobre campo:
Teu almo, e honrôso prêço o ser me inflamma.
Porêm que pensarei, Senhor, no emtanto
Do rumor, que me admira, e igual me endeus..?
Dignas-te jà cumprir quiçà meus votos?
Ser dos mortaes jà vou o mais ditôso?
E' fama, que Iphigènia, aqui trazida,
Logo ao seu deve unir o meu destino.
Agam. Minha filha? Quem dar tal nova poude?
Achil. Senhor, que hà nessa nova, que te espanta?
Agam. Cèos! Descubrio acaso o ardil funesto?

Ulys. De Agamemnon, Senhor, o espanto è justo.
Pensas no mal, que a tôdos nos ameaça?
Cèos! Pâra um hymeneo que tempo escolhes?
Em quanto às nossas nàos vedado o pego
Perturba a Grècia, e o exèrcito consome;
Em quanto a ira dos Deuses talvez pede,
Pâra abrandar-se, sangue, e o mais illustre,
Achilles sò, Achilles no amor cuida?
E deve o chefe Argivo, em Fado adverso,
Preparar de hum consòrcio a pompa ovante?
Ah, Senhor! E' assim que enternecido
Te dòes do mal da Grècia, e amas a patria?
Achil. As acções provarão nos Phrygios campos
Se tu ès quem mais a ama, ou se è Achilles.
Thè então de teu zêlo faze alarde;
Prodiga, tens vagar, votos por ella;
De offertas, e de sangue enche os altares;
Interroga das hòstias as entranhas;
Pede-lhes da nudez do vento a causa;
Mas eu, que em ponto tal descanço em Calchas,
Soffre, soffre, Senhor, que eu affervore
Consòrcio, que irritar não pode os Deuses.
De ardor jamais inerte eu transportado
Là bem depressa irei juntar-me aos Grêgos.
Pezar me fôra atroz se outro guerreiro
Antes de mim toccara as Tròicas margens.
Agam. Oh Cèo! Por que rasão teu mando occulto
Impede a taes heroes da A'sia o caminho?
Sò vira eu scintillar tão nobre flamma
Pâra com mais angùstias separar-me?
Ulys. Deuses! Que oiço?
Achil. Senhor! E ousas dizel-o?
Agam. Sim, prìncipes; convêm irmo-nos tôdos.
Por crèdula esperança hà muito illusos,
Os ventos recusados esperamos.
O Cèo protege Tròia; e seus furôres
Nos prohibem là ir por mil presàgios.
Achil. Que màos presàgios seu furor nos provão?
Agam. O que prediz de ti tu mêsmo peza.
Ventura vã que serve? A' tua dêxtra
Dardânia conquistar os Deuses derão;

Mas de tal glòria triümphal em prèmio,
No campo Phrygio o tum'lo te marcàrão.
Longa, e feliz em outro sìtio a vida,
Te deve em Troia ser na flor segada.

Achil. Assim, por te vingar tantos reis juntos,
Carregados se irão de opprobrio eterno?
E Pàris, coröando a audace flamma,
De tua espôsa a irmã terà, impune?

Agam. Que! Não tomou a sì o assaz vingar-nos
Teu valor, que encetou Grêgas proêzas?
Os estragos de Lesbos, que arruinaste,
Inteiro o mar Egeo inda espaventão:
Troia as flammas lhe vio; e athè seus portos
Jogou o pego restos, e cadàveres.
Que digo? Os Teucros outra Helena perdem,
Que a Mycenas enviaste prisioneira.
Desta joven bellêza, eu não duvido,
O pondunor desmente o vão segrêdo;
Mêsmo a mudez lhe accusa nobre origem,
E nos diz que ella esconde alta princêza.

Achil. Não, não; tem nìmia astùcia êsses pretêxtos.
Nos arcanos do Cèo sobes mui longe.
Eu, pararia eu a vãs ameaças!
Da honra eu fugira, que apoz ti me espera?
Predice a minha mãi a voz das Parcas,
Quando a espôso mortal franqueou seu leito,
Que escolher posso inglòrios, largos annos,
Ou poucos dias de immortal memòria.
Mas, pois que è fôrça em fim descer às sombras,
Quererei eu, da terra carga inùtil,
Poupando o sangue meu por que è divino,
Em lar pàtrio esperar velhice obscura;
E, da glòria evitando sempre a viela,
Nenhum nome deixar, morrer inteiro?
Ah, não urdamos pois tão vis estorvos!
Da honra se escuta a voz; eis nosso oràc'lo.
A'rbitros são de nossa vida os Deuses;
Mas a glòria, Senhor, vem de nòs mêsmos.
Por que seus altos mandos nos affligem?
Lidemos em, quaes êlles, ser eternos;
E, sem cuidar na sorte, ao valor vamos,

Que fados nos promette iguaes aos dêlles.
E' a Troia, e là vôo: chovão agoiros,
Que aos Cèos sò vento peço à rota pròspero;
E quando houvesse eu sò pâra sitial-a,
Por Patroclo, e por mim fôras vingado.
Mas não; em tuas mãos a entrega a sorte.
De te seguir sòmente aspiro à honra.
Não mais te rogo de approvar excessos
Do amor, que ïa affastar-me destas margens:
Este amor mêsmo zela a tua fama,
Quer que co' exemplo meu se anime o exèrcito,
E a não expor-te mais que tudo me urge
Aos tìmidos consêlhos, que ousão dar-te.

SCENA III.

Agamemnon, Ulysses.

Ulys. EScutaste-o, Senhor. Por qualquer prêço
Quer êlle a Tròia voar, seguir seu fado.
Temiamos-lhe o amor! E êlle mêsmo hôje,
Por feliz êrro, contra si nos arma.
Agam. Ai!
Ulys. Que dêvo agoirar dêsse suspiro?
Murmura acaso o sangue revoltado?
Crerei que te mudou uma sò noite?
E' bem teu coração, que fallar oiço?
Cuidado; tua filha à Grècia deves:
Tu mêsmo a promettêste; e em tal confiado
Calchas, que os Grêgos câda sol consultão,
Dos ventos lhes prediz volta infalivel.
Se suas predicções se não cumprirem,
Crês que a mudez de Calchas vai à vante?
Que os Cèos deixe mentir, sem accusar-te?
Debalde tentaràs maciar-lhe as iras.
Quem sabe a que um furor crido legìtimo
Pode, a hôstia subtrahida, urgir os Grêgos?
Não arrisques o expor um povo irado
A decidir tuas questões co' os Deuses.
Não foi em fim a voz, que instante alçaste,
Que a tôdos nos chamou do Xanto aos campos?

Que em Grècia inteira o jus clamou, que outr'hora
Jurou de Helena tódo o amante, quando
Rivaes de teu irmão Grêgos sem conto
A Tyndaro, seu pai, a demandavão?
Qual fosse eleito o venturôso espôso,
Juràmos desde então suster-lhe os d'reitos:
Se audaz algum a espôsa lhe roubasse,
Do adùltero a cabèça lhe outorgàmos.
Mas, feito pêlo amor, tal juramento,
Livres de amor, sem ti nos fôra sacro?
Sò tu, nos arrancando a novas flammas,
Nos fizeste deixar filhos, e espôsas.
E quando, aqui de tanta parte juntos,
Brilhar sò vemos a honra de vingar-te;
Quando a Grècia, firmando a nossa escôlha,
Desta alta emprêza chefe te saùda;
Que seus reis, disputar grào tal podendo,
Por ti stão promptos a perder seu sangue;
Agamemnon, por glòria tão subida,
Se acanha em derramar de sangue uns pingos?
E atterrorado, jà dêsde o comêço,
Ordens, que aos Grêgos dà, è despedil-os?
Agam. Ah Senhor, muito fàcil ès magnânimo
Longe do mal, que o coração me opprime!
Porêm, se o teu Telèmaco antolhasses
Jà co' a cinta mortal pròximo às aras,
Veriamos que, insano ao quadro horrivel,
Mudaras logo em pranto a altiva frase;
A dor, que hoje me punge, te pungira,
E o ferro voaras a embargar de Calchas.
Bem o sabes, Senhor, jà dei palavra.
Se minha filha vem, sêja immolada.
Porêm se, a meu pezar, seu fado pròspero
Em Argos a retêm, na viage a susta;
Soffre que eu, sem instar a scena infanda,
Legal estôrvo por meu sangue acclare,
Que pâra minha filha acceite o auxìlio
De algum mais brando Deus, que lhe ame a vida.
Em meu peito tens tido nìmio impèrio;
E eu me envergonho assaz. . . .

B

SCENA IV.

Agamemnon, Ulysses, Eurìbato.

Eurì. SEnhor . . . .
Agam. Que dizes?
Eurì. A raïnha, que ora eu veloz precêdo,
Sua filha jà vem por-te nos braços.
Pròxima està. Extravïou-se um tanto
Nas matas, que do campo a estrada occultão:
Dellas na escuridão foi trabalhôso
Vir atinar com a perdida estrada.
Agam. Céos!
Eurì. Traz tambem Erìphile, essa joven,
Que Lesbos entregou às mãos de Achilles.
Diz ella que, ignorando os seus destinos,
Vem perguntal-os ao vidente Calchas.
Espalhado o rumor jà stà da vinda;
Jà de soldados encantada pinha,
Toccando-os mais as graças de Iphigènia,
Fervente implora o Cèo lhe dê venturas.
Com respeito uns rodeavão a raïnha;
A que ella vem me perguntavão outros.
Mas tôdos confessavão que se os Deuses
Rei mais gloriôso nunca entronisàrão,
Assim a pai algum bens tão subidos,
Tão alta dita liberaes não derão.
Agam. Eurìbato, bem stà. Deixar-nos podes.
Respeito diz-me o mais: vou medital-o.

SCENA V.

Agamemnon, Ulysses.

Agam. CÈO justo, urdindo assim tua vingança,
De minha vã prudencia as fôrças quebras!
Se inda eu podesse, livre na desgraça,
Minha dor abrandar vertendo pranto!
Triste sorte de um rei! Somos escravos

Dêsse ìmpio fado, e do capricho humano!
Cercado sempre de Argus cavilosos,
E' o mais infeliz quem menos chora.

Ulys. Sou pai, Senhor, e dèbil como os outros.
No trance teu minha alma se figura;
E, do golpe c' o horror, que os ais te arranca,
Longe do pranto arguir-te, eu vèrto pranto.
Mas jà rasão legal no amor não mostras.
Sua vìctima o Cèo a Calchas trouxe:
Elle o sabe, êlle a espera; e, se ha tardança,
Virà mêsmo pedil-a a grandes brados.
Sòs inda estamos. Chora, chora em tanto
Làgrimas dignas de tão terno assumpto.
Deplora o puro sangue. Ou, antes, a honra,
Que nos vai resultar, peza não-pàllido.
Alvo c' o remo Argivo olha o Hellesponto,
E a pèrfida Dardania às flammas dada;
Seu monarca a teus pès c' o pôvo em ferros;
Por ti Helena ao spôso restituida.
Vê as coroadas pôppas das nàos tuas
A esta A'ulide tornar comtigo ovantes;
E esta feliz victòria destinada
A fazer do porvir o assumpto eterno.

Agam. Senhor, conhêço o vão de meus esforços.
Eu jà cêdo: a innocencia os Cèos opprimão.
Prompta seguir-te vai vìctima infausta,
Parte. No em tanto a voz obsta de Calchas;
E, ajudando a encobrir mistèrio horrendo,
Deixa-me a terna mãi affastar da ara.

Fim do Primeiro Acto.

ACTO II.

SCENA I.

Erìphile, Doris.

Erìp. NADA de as constranger, vamo-nos, Doris;
Deixemol-as do pai, do amante em braços.
E, em quanto o amor profiosas desenvolvem,
Demos aso ao seu gôsto, e às penas minhas.
Doris. Que, Senhôra! Irritando sempre os males,
Creràs sò ver objectos deploraveis?
Sei que no captiveiro tudo è horrido;
Que o prazer entre ferros não existe.
Mas no tempo fatal que, sôbre as ondas,
Nos trouxe à fôrça o vencedor de Lesbos;
Quando, captiva tìmida a seu bordo,
O homecida feliz presencïavas,
Dil-o-hei? Menos banhada em pranto amargo,
Choravas menos as desgraças tuas.
Tudo agora te ri: sincera amiga
Comtigo se une a amavel Iphigènia;
Ama-te como irmã, te compadece:
Menos dôce te fôra em Troia a vida.
Queres A'ulide ver? com ella em A'ulide,
Onde a chama seu pai, entras com pompa.
Porêm, por sorte atroz, que eu não entendo,
Tua afflicção redobra a càda instante.
Erìp. Que pois! Crês tu que Erìphile sem-dita
Seus regosijos ver tranquilla dêva?
Pensas que minha dor dêva extinguir-se
Ao ver um bem, que possuïr não posso?
Entre os braços do pai vêjo Iphigènia;
Ella a sobêrba mãi enche de orgulho;
E eu, sempre exposta a renovados p'rigos,
Entregue dêsde o bêrço em mãos estranhas,
A luz da vida respirei thè hôje
Sem de pai, ou de mãi ver um surriso.

Não sei quem sou, e pâra horror extremo,
No êrro me affunda oràculo terrivel,
E, se quero indagar qual è meu sangue,
Diz-me que sò o saberei co' a morte.

Doris. Não, não; tuas pesquizas leva ao cabo;
Sempre o oràculo folga em ser obscuro;
C' um sentido sempre une outro sentido.
Perdendo o falso nome o teu encontras.
Nêste ponto redunda o risco tôdo;
E' assim que talvez te espere a morte.
Olha que o falso nome è dêsde o bêrço.

Erip. Isso è tudo o que eu sei do meu destino.
Teu pai, do resto testemunha infausto,
Obstou-me sempre o penetrar mais longe.
Ai! Nessa Tròia, onde eu era aguardada,
Ião dar-me, dice êlle, a minha glòria:
Conhecendo o meu nome, e o meu estado,
Veria o sangue em mim dos reis maïores.
Jà cria eu descobrir a gran cidade.
O Cèo a Lesbos guia o duro Achilles;
Tudo lhe sente as iras, cede tudo.
Teu pai, envôlto c' os montões dos mortos,
Mêsmo incògnita a mim deixou-me em ferros;
E de tantas grandêzas promettidas,
Triste escrava dos Grêgos, sò me resta
O fero pondunor do sangue occulto.

Doris. Ah! Senhora, que odiôso ser te deve
Quem tão fiel testemunha ousou roubar-te!
Mas Calchas aqui stà, Calchas tão cèlebre,
Que sempre no segrêdo entra dos Divos.
Frequente o Céo lhe falla. Assim instruido
O que existio sabe êlle, e existir ha de.
Desconhecer teus pais pode êlle acaso?
De protectôres teus vê cheïo o campo.
Prompto Iphigènia, desposando Achilles,
Asylo te vai dar nos Paços della;
Ella è que to jurou ante mim mêsma:
Quer sua fè estrear de acção tão nobre.

Erip. Que crêras, Doris, se, apezar de tudo,
Este hymeneo me fôra o mal mais agro?

Doris. Que, Senhôra?...

Erip. Espantada tu observas
Que não hà lenitivo às minhas màgoas:
Escuta, e pasma então de que inda eu viva.
Pouco è captiva ser, estranha, incògnita:
Esse estruidor fatal da triste Lesbos,
Esse Achilles, autor dos nossos males,
Cuja sanguenta mão me trouxe escrava,
Que de um talho feroz teu pai me rouba,
E de que sangue sou me deixa ignara,
Que tôdo dêvo odiar, athè seu nome,
De tôdos os mortaes è quem mais amo.
Doris. Ah, que me dizes tu?
Erip. Cri sempre ufana
Que eterno o debil meu fosse ignorado;
Porêm minha afflicção tal voz me arranca:
Diz-ta uma vez, e a callarà p'ra sempre.
Qual foi minha esperança não perguntes
Nêste fatal amor, qne me arde na alma:
Eu não accusarei o dò fingido,
Com que Achilles ver cri honrar meus males.
Cruël prazer de certo o Cèo quiz dar-se
Acestando-me os dardos de seu òdio.
Inda me lembrarei a idea horrivel
Do dia, que ambas nos lançou em ferros!
Nos ìmpios braços, porque fui roubada,
Longo tempo fiquei sem luz, sem vida.
Busquei em vão co' a debil vista o dia;
E vendo-me appertar c'um braço cruento,
Doris, tremì, e do brutal guerreiro
Recëei deparar c' o rôsto horrendo.
Entrei em sua nào odiando-lhe a ira:
Sempre delle arredei de horror os olhos.
Em fim o vi. Cruël não tinha o aspecto.
Senti a repr'ensão morrer nos làbios,
Senti o coração contra mim por-se;
A ira esqueci, sò atinei c' o pranto.
Deixei o amavel guia conduzir-me.
Em Lesbos eu o amei, eu o amo em A'ulide.
Iphigènia soccôrro em vão me off'rece,
E a mão me estende a soccorrer-me prompta.
Triste effeito das iras, que me inflammão!

Eu sò lhe acceito a mão, que me appresenta,
Pâra me armar contra ella, e pâra a occultas
Obstar-lhe a dita, que soffrer não posso.

Doris. E que farà contra ella òdio impotente?
Melhor não fôra, dentro de Mycenas,
As màgoas evitar, que ansiosa buscas,
E combater o amor forçado às trevas?

Erìp. Eu, Doris, assim quiz. Mas nestas praias
Por hòrrida que eu visse a glòria della,
Fôrça ir co'a sorte foi, que me arrastava.
Ordenou-me partir rumor secreto;
Dice-me que talvez, como infelice,
Podera aqui trazer meus ìnfortunios;
Que talvez, junto a amàntes tão ditosos,
Algum dos males meus os contagiara.
Eis o que me conduz, não a impaciencia
De indagar meu funesto nascimento:
Mais; seu consòrcio leis mortaes me dicta;
Feito êlle, eis tudo: nada mais espero.
Eu, Doris, morrerei; e morte prompta
Meus ludìbrios darà do tùm'lo às sombras,
Sem pais buscar, incògnitos hà tanto,
E que meu louco amor nìmio deshonra.

Doris. Que dò tenho de ti! Por tua vida....

Erìp. Là vem Agamemnon com Iphigènia.

SCENA II.

Agamemnon, Iphigènia, Erìphile, Doris.

Iphig. ONDE corres, Senhor? Que pressa insòlita
Aos braços nossos tão veloz te arranca?
Tão prompta fuga a que imputal-a dèvo?
Submissa dei lugar da mãi a extremos:
Nem me attendes agora um sò instante?
Não te posso mostrar minha alegria?
Não sou eu...

Agam. Vem ao paï, oh minha filha:
Não deixa êlle de amar-te.

Iphig. Amor tão caro!

Qual gôso o de tever, de contemplar-te.
Na nova pompa, em que brilhar te vêjo!
Quaes honras! Qual poder! Jà leve a fama
Dito mo havia em narrações sobêrbas:
Mas, vendo ao perto esta aurea perspectiva,
Quanto a admiro, e crescer sinto o meu gôso!
Cèos, com que amor a Grècia te respeita!
Ser filha de tal pai quanto me addita!

Agam. Mereces, filha, um pai mais venturôso.

Iphig. Que ventura faltar pode a teus votos?
Pode um rei pertender a mores honras?
Cri sò que agradecer devia aos Deuses.

Agam. Deuses! E dêvo preparar-lhe a morte?

Iphig. Occultas-te, Senhor, gemes, suspiras!
A mêdo olhar magoado em mim sò cravas!
Sem tua ordem sahimos de Mycenas?

Agam. C' o mêsmo amor eu te amo sempre, oh filha.
Mas o tempo mudou, e os sìtios co' êlle:
Atroz cuidado aqui me tolhe ao gôso.

Iphig. Ah! Comigo, oh meu pai, quem ès esquece.
Prevêjo quanto è dura a ausencia longa.
De um momento ser pai, Senhor, tens pêjo?
Sò tens diante de ti joven princêza,
A quem gabei por mim tua ternura:
Amo-a, e lhe prometti tua bondade;
Gloriei-me ante ella da ventura minha.
Que deve ella pensar dessa indiff'rença?
Esperança fallaz lhe dei acaso?
Não alegraràs tu semblante afflicto?

Agam. Ah minha filha!

Iphig. Adiante, oh pai!

Agam. Não posso!

Iphig. Morra o Troiano autor de afflicções nossas!

Agam. Nos vencedôres seus que pranto ingente!

Iphig. Mais que tudo protêja o Cèo teus dias.

Agam. E'-me hà jà tempo o Cèo cruël, e surdo.

Iphig. Grão sacrificio, diz-se, apprompta Calchas.

Agam. Possa eu antes maciar Deuses injustos!

Iphig. Vão-no prompto off'recer?

Agam. Mais do que eu quero.

Iphig. Permittes-me juntar aos teus meus votos?

Ver-se-hà no altar tua feliz familia ?

Agam. Ai !

Iphig. Callas-te, Senhor ?

Agam. Là iràs, oh filha.
Adeus.

SCENA III.

Iphigènia, Erìphile, Doris.

Iphig. QUE devo crer dêstes transportes ?
De horror secreto estremecer me sinto.
Receio, sem querer, desgraça incògnita.
Tu sabes, justo Cèo, por quem te imploro.

Erìp. De tão grandes cuidados sob o pêzo
Star êlle um tanto frio te amedronta ?
Triste de mim, a que ais sou condemnada !
Eu, que, de pais abandonada sempre,
Sem pàtria, nem se quer, mêsmo à nascença,
Tive dêlles talvez uma carìcia !
Pêlo menos se o pai não bem te escuta,
Da mãi no grèmio tuas penas gemes;
E em fim, qual o mal sêja por que chores,
Que làgrimas o amante não enxuga !

Iphig. Não nego. Bella Erìphile, o meu pranto
Aos affagos de Achilles não resiste.
Sua glòria, o amor seu, meu pai, minha honra,
No peito meu lhe dão poder mui justo.
Mas hôje dêlle que pensar eu dêva ?
O amante, que por ver-me arde impaciente,
Que os Grêgos arrancar d'aqui não pódem,
Por quem meu pai me chama de tão longe,
Assaz se appressa por gosar da vista,
Que julguei que estremôso êlle anhelava ?
Eu, depois que hà dois dias êstes sìtios
Com ardor desejados descubrimos,
Câda iustante o esperava; e, de olhos tìmidos,
Precorrendo incessante a estrada de A'ulide,
Buscando-o o coração longe me voava,
E a quanto posso ver pergunto Achilles.
Prosigo, chego em fim; não vem buscar-me.

Attravessei desconhecido pôvo,
Sò êlle não parece. O pai afflicto
Receia articular-me o nome dêlle.
Achilles o que faz? Cruël mistèrio!
Està, qual pai, o amante enregelado?
E os cuidados da guerra soppeariáo
Dôce ternura, e amor nos peitos tôdos?
Mas não; aggravo-o c'o temor injusto.
Deve-se a mim o auxìlio de seu ferro.
Elle em Sparta não stava entre os amantes,
Que ao pai de Helena o juramento derão.
De liberta palavra o ùnico Argivo,
Se a Tròia vai, sou eu por quem là vôa:
E, julgando tão dôce a recompença,
Là quer levar de meu espôso o nome.

SCENA IV.

Clytemnestra, Iphigènia, Erìphile, Doris.

Clytem. Convêm, filha, partir; não haja estôrvo:
Salvemos pêla fuga a nossa glòria.
Não mais me espanta que interdicto, e triste
Nos recêba teu pai entre pezares.
A desprêso cruël temendo expor-te,
Por Arcas esta carta me mandara;
E Arcas, illuso c' o desvio nosso,
Accaba de m'a dar nêste momento.
Mais um esfôrço; eis salva a nossa glòria.
Sôbre o teu hymenêo mudou Achilles;
E, recusando as outorgadas honras,
Quer, 'thè voltar de Tròia, retardal-o.
Erìp. Que oiço?
Clytem. Corar te vêjo a tal ultrage.
Convêm de nobre orgulho armar tua alma.
E mêsmo eu, approvando o amor do ingrato;
Em Argos pêla mão t' o hei presentado!
Lizongeada co' a fama de seu sangue,
Te dava alegre ao filho de uma Deusa.
Mas pois que agora o vil rependimento

Desmente os Deuses, de que o crem nascido,
Mostrar quem somos è dever, oh filha,
E dos homens julgal-o o mais infame.
Pensar fal-o-hemos, por maïor tardança,
Que esperas anhelante embrandecel-o?
Consòrcio addiado com prazer rompamòs.
Conhecer a teu pai fiz meus desìgnios;
Espero-o aqui por despedir-me dêlle,
E vou tudo appressar pâra a partida.
(a Erìphile)
Senhôra, em que nos sigas não insisto.
Minha ausencia te deixa em mãos mais caras.
Desmascarou-se teu segrêdo occulto:
A quem buscas aqui não è a Calchas.

SCENA V.

Iphigènia, Erìphile, Doris.

Iphig. EM que afflicção me poz êste discurso!
Sôbre o consòrcio meu mudou Achilles;
Sem honra aos lares meus volver è fôrça.
E de outro Calchas tu em busca vieste?
Erìp. Senhôra, a tal discurso eu nada entendo.
Iphig. Entender-me-hàs bastante se o quizeres.
Roubão-me o espôso ludibriosos fados,
Senhôra, deichar-me-hàs em tal desgraça?
Não podias sem mim star em Mycenas;
E irei com minha mãi sem ir comtigo?
Erìp. Ver antes de partir queria eu Calchas.
Iphig. Por que tardas, Senhôra, em dar-lhe aviso?
Erìp. Se vas partir pâra Argos n'um momento.
Iphig. Um momento acclarou mais de uma dùvida.
Vêjo, Senhôra, que è jà nìmio instar-te.
Vêjo hôje o que jamais eu quiz pensal-o.
Achilles... Ardes tu por que eu não parto.
Erìp. Eu! De traição tão nêgra me suspeitas?
Eu, Senhôra, amaria atroz guerreiro,
Que sempre se me antolha ensanguentado,
Que, mortes a anhelar, na dêxtra flammas,
Lesbos em cinzas poz...

Iphig. Tu o amas, pèrfida:
E êsse mêsmo furor, que ousas pintar-me,
Esse, que viste, braço tincto em sangue,
Essa flamma, esses mortos, Lesbos, cinzas,
São traços, com que amor to insculpio na alma:
E em vez de detestar a ideia horrivel,
Te estàs regosijando em descrever-ma.
Mais de uma vez, em queixas contrafeitas,
Eu devi ver, eu vi tua alma inteira;
Mas sempre me repoz facil bondade
A venda, que eu dos olhos affastara.
Tu o amas. Ai que fiz! Que êrro funesto!
Affagar eu minha rival nos braços!
Ah crèdula! Eu a amava. Amiga, inda hôje,
Lhe dava appoio em seu perjuro amante.
Eis o trïumpho em fim, que me aguardava!
Ao carro teu eu mêsma vim prender-me.
Ai! Votos contra mim jà tos perdôo,
E de um amor, que me roubaste, a pêrda;
Mas que, sem me avisar da horrenda trama,
Soffras que eu và buscar, da Grècia ao fundo,
O ingrato, qne se espera, è por deixar-me,
Perdoar injuria tal pode-se, oh falsa?
Erip. Das-me nomes, que devem espantar-me,
Senhôra. Não affeita sou a ouvil-os:
E os Deuses, muito hà jà meus inimigos,
De meu ouvido os tinhão arredado.
De amantes a injustiça tem desculpa.
De que exigias tu que eu te avizasse?
Podeste crer que preferisse Achilles
De Agamemnon ao sangue obscura virgem,
Que sò pode saber de seu destino
De sangue ser, que êlle tragar anhela?
Iphig. Vences, cruël; e a dor inda me affrontas.
De meu agro infortùnio eis tôdo o pêzo!
Confrontas teu exìlio, e a minha glòria,
Por te mais exaltar trïumpho injusto.
Precipitas com tudo os teus excessos.
O mêsmo Agamemnon, que insultas hôje,
Tem-me amor, è meu pai, commanda os Grêgos;
Mais do que eu resente êlle as penas minhas.

Compungio-o meu pranto antecipado.
Seus ais colhi, que me occultar querìa.
Ah! Comdemnando a recepção tristonha,
Fìz-lhe queixas de froixo na ternura!

SCENA VI.

Achilles, Iphigènia, Erìphile, Doris.

Achil. SEnhôra, è certo pois! E's tu, que eu vêjo!
Suspeitava no engano o campo inteiro.
Tu em A'ulide? Tu? Por quê, Senhôra,
Por que rasão teu pai me dice o oppôsto?
Iphig. Socega-te, Senhor. Seràs contente.
Mais Iphigènia aqui se não demora.

SCENA VII.

Achilles, Erìphile, Doris.

Achil. FOge-me! Estou desperto? Ou è um sonho?
Em que atra dor me affunda esta fugida!
Senhôra, ignoro se podera Achilles,
Sem irritar-te, respeitôso ver-te.
Mas se de um inimigo ouves a sùpplica,
Se muito dò lhe fez sua captiva . . . .
Sabes quem traz aqui os passos della;
Sabes. . . .
Erìp. E que, Senhor, acaso o ignoras?
Tu, que, hà um mez aqui de amor ardendo,
A vinda pressurôso lhe approvaste?
Achil. Depois de um mez de aqui me hei ausentado,
E hontem cheguei de nôvo a vez primeira.
Erìp. Que! Seu pai a Mycenas escrevendo,
Teu amor, tua mão não guíava a dêlle?
Que! da filha adoravas os encantos . . . .
Achil. Olha que inda os adoro, e mais que nunca,
Senhôra; e, se voasse eu co'a idea minha,
Là mêsmo em Argos encontral-os fôra.
Com tudo me fugio! Quaes são meus crimes?
Porêm olhos contràrios sòs me cercão.

Que digo? Calchas vem, Nestor, e Ulysses
De tentar os ardìs da vã loquela,
Combatendo-me o amor, dando a pensar-me
Que, se eu amava a glòria, o desprezasse.
Que emprêza em caso tal podera urdir-se?
Sou eu, sem o saber, da armada a fàbula?
Entremos. Vou rasgar o atroz segrêdo.

SCENA VIII.

Erìphile, Doris.

Erìp. CEOS, vêdes meu ludìbrio; onde occultar-me?
Rival altiva; amada inda murmuras!
Insultos soffer-te-hei com tua glòria?
Ah! Primeiro ... Ou me finjo illusão dôce,
Ou vai sôbre êlles troar tormenta infausta.
Doris, eu vêjo. Nuta-lhes a dita.
Enganão Iphigènia, a Achilles fogem;
Agamemnon deplora. Anímo, oh triste;
E, se o fado contra ella o òdio me ajuda,
De tal concêrto tirarei partido,
P'ra que eu não chore sò, nem morra inulta.

Fim do Segundo Acto.

ACTO III.

SCENA I.

Agamemnon , Clytemnestra.

Clytem. PArtìämos , Senhor ; meu furor justo
Deixara prompto , e longe o campo , e Achilles.
Chorar ludibrios a Argos ïa a filha.
Mas de fuga tão prompta êlle espantado
Por quantos juramentos , que accredito ,
Vem de nos convencer , e demorar-nos !
Insta hymenêo , que diz-se êlle difere ,
E te busca em amor , em ira ardendo.
Perto de impor mudez a ruîdo infame ,
Ver , confundir o autor pertende-o Achilles.
Bane o temor , que nos turbava o gôsto.
Agam. Basta , Senhôra. Accreditado sêja.
O êrro , que nos cegava , reconhêço.
De teu gôsto me alegro o mais que posso.
Queres que à minha prole Calchas o una ?
Aos altares enviar podes a filha ;
Eu a espero. Mas antes de ir mais longe ,
Um momento fallar-te quiz a occultas.
Repara a que lugares a trouxeste.
Tudo respira a guerra , e não consòrcio.
De um campo a confusão , soldados , nautas ,
Hòrrido altar com lanças , com remessos ,
Spectac'lo em fim , de Achilles digna pompa ,
A te encantar os olhos não è pròprio ;
E a Grècia vira de seu rei a espôsa
Em estado de mim , de ti indigno.
Me creràs tu ? Com tuas damas vai-te ;
Deixa ir sem ti às aras Iphigènia.
Clytem. Quem ? Eu ? A estranhos entregando a filha ,
O que eu principïei , eu não conclua ?
Que depois de a trazer de Argos ä A'ulide ,
Me recuse de às aras conduzil-a ?

Deves mais perto que eu estar de Calchas?
Quem ao espôso seu me entregue a filha?
Qual outra ordenarà tão sacra pompa?

Agam. Tu não estàs aqui de Atrêo nos Paços;
Estàs n' um campo . . .

Clytem. Onde imperiôso mandas;
Onde em tuas mãos tens da A'sia o destino;
Onde o filho de Tethys è meu filho.
Em que àureos Paços cheios de grandêza
Com mòr splendor jamais parecer posso?

Agam. Ah! Dos Deuses em nome, origem nossa,
Graça tão grande a meu amor concede.
Tenho rasões.

Glytem. Senhor, scena tão dôçe,
Dêsses Deuses em nome, não me roubes.
De a teu lado me ver não te envergonhes.

Agam. Mais eu confiava em tua complacencia.
Mas pois que te mover rasões não podem,
Pois que invàlidas são as minhas sùpplicas.
Ouviste o que eu submisso te implorava,
Senhôra: eu sou que o quero, agora o ordeno.
Obedece.

SCENA II.

Clytemnestra sò.

AI de mim! Por que motivo
O duro Agamemnon da ara me affasta?
Co' as novas honras vão me desconhece?
Crê-me de apparecer-lhe ao lado indigna?
Ou, tìmido inda possuidor do impèrio,
Mostrar não ousa aqui a irmã de Helena?
Por que me esconderei? Por que injustiça
Recahem sôbre mim deshonras della?
Embora; êlle assim quer; eu me conformo.
Meus males tua dita adoça, oh filha.
Dão-te Achilles os Cèos; meu gôso è summo
De ouvir chamar-te . . . Mas è êlle, que entra.

SCENA III.

Achilles, Clytemnestra.

Achil. AO meu fervor, Senhora, tudo è fausto.
O rei não consentio outras clarêzas;
Sò meus extremos crê: sem mais ouvir-me,
Abraçando-me vem de dar-me a filha.
Elle fallou-me apenas. Mas contou-te
Ao campo que venturas tu trouxeste?
Os Cèos vão applacar-se. Ao menos Calchas
Diz que co' êlles n' uma hora nos concorda,
Que prompto a nos ouvir Neptuno, e os ventos,
Sangue, que vai sparzir, ùnico esperão:
Jà das nàos o velame se desfralda,
Jà, em Calchas confiando, a Tròia apprôão.
Eu, mêsmo o Cèo a bem dos meus amôres
Querendo a volta retardar dos ventos,
Pezarôso me irei da feliz margem,
Onde vou de hymenêo atear os fachos.
Posso eu deixar de amar propìcio tempo
De ir nossa união sellar c' o Teucro sangue,
E de prompto affundar sob Tròia em cinzas
A deshonra do nome, a que o meu se une?

SCENA IV.

Achilles, Clytemnestra, Iphigènia, Erìphile, Doris, Egine.

Achil. TENS nas mãos, oh princêza, a minha dita.
Teu pai me chama teu espôso às aras.
Coração receber vem, que te adora.
Iphig. Senhor, tempo não è de partir inda.
Permitta-me a raïnha que eu te peça
Um penhor do amor teu, que dar mo deves.
Joven princêza presentar-te venho;
Sellou-lhe o Cèo de alta nobrêza a fronte:
De làgrimas se inunda os dias tôdos;
Seus males sabes tu, tu lhos causaste.
Eu mêsmo, (onde ira injusta me arrastava!)

Sem respeito affligi hà pouco a triste.
Que não posso eu tambem reparar prompto,
Com ùteis modos, meu fallar injusto!
Presto-lhe a minha voz: eu mais não posso.
Teus feitos desfazer, Senhor, sò podes.
E' tua escrava, e os ferros, que eu deploro,
Das mãos lhe cahirão co' as ordens tuas.
Enceta assim êste ditôso dia.
Condemnada a nos ver nunca mais sêja.
Monstra que eu vou seguir ao pè das aras
Um rei, que a seu pezar atterra os homens;
Que a incêndios sua glòria não limita;
Que, affeito a náo ceder, cheïo de loiros,
Da espôsa o pranto lhe amacia o peito;
Que, do infeliz por dò depondo as armas,
Os Deuses, troncos seus, em tudo imita.

Erìp. Sim, Senhor, alligeira a dor mais viva.
Escrava tua em Lesbos fez-me a guerra;
Mas è nìmio estender jus affrontôso
Juntando-me inda o mal, que aqui me punge.

Achil. A tì, Senhôra?

Erìp. Sim, Senhor; táo dura
Podes impor-me lei, callando o resto,
De ser eu mêsma a triste espectadôra
Da ventura, que addita os meus contràrios?
Minha pàtria ameaçar escuto sempre.
Vêjo marchar contra ella irosas turmas,
Vêjo o consòrcio jà, oh dor infanda!
Pôr-te o fôgo nas mãos para abrazal-a.
Longe do campo, longe de vòs tôdos,
Sempre infeliz, desconhecida sempre,
Deixa occultar meu fado miserando,
De que inda êste chorar não diz metade.

Achil. Muito è, bella princêza. Vem com nôsco.
Vem, que ante os Grêgos te liberte Achilles;
Sêja da minha dita o dôce instante
Esse instante feliz de sêres livre.

SCENA V.

Achilles, Clytemnestra, Iphigènia, Erìphile, Arcas, Egine, Doris.

Arc. SEnhôra, nada falta; vai-se ao rito.
O rei a filha espera junto às aras:
Venho-a buscar, ou antes teu appoio,
Senhor, venho implorar em favor della.
Achil. Arcas, que dizes?
Clytem. Cèos! Que me annunciáo?
(*Arcas a Achilles*)
Arc. Sò vêjo em ti quem defendel-a possa.
Achil. Contra quem?
Arc. Com pezar o apponto, e accuso.
Quanto pude, guardei segrêdo infausto.
Mas ferro, venda, flamma, là stà tudo.
Antes cahisse em mim êsse apparato!
Convêm fallar.
Clytem. Eu tremo . . . Explica-te, Arcas.
Achil. Quem quer que sêja, falla, e não o temas.
Arc. Della tu ès o amante, ès mái tu della;
Não a mandeis ao pai essa princêza.
Clytem. Por que temel-o?
Achil. Desconfiar que dêvo?
Arc. Pâra a sacrificar no altar a espera.
Achil. Elle!
Clytem. A filha!
Iphig. Meu pai!
Erìp. Cèos, que notìcia!
Achil. Que cega fùria o pode armar contra ella?
Tal fallar, sem horror, ouvir-se pode?
Arc. Ah, Senhor, praza ao Cèo que eu duvidara!
De Calchas pêla voz o orac'lo a pede;
De outra vìctima a offerta êlle recusa;
E o Cèo, de Pàris thè então amigo,
Sò nos promette assim e Troia, e os ventos.
Clytem. O Cèo ordenarà nefanda morte?
Iphig. Pâra tanto rigor que fiz, oh Deuses?
Clytem. Esse mandado cruel não mais me espanta,

Que chegar-me ao altar me prohibira.

(Iphigènia a Achilles)

Iphig. Eis o hymenêo, que me era destinado!

Arc. O rei, pâra enganar-vos, o fingia.
Inda illuso, qual vòs, è tôdo o campo.

(Clytemnestra prostrando-se aos pès de Achilles)

Clytem. Senhor, os joelhos teus abraçar dêvo . . .

(Achilles levantando-a)

Achil. Ah, Senhôra!

Clytem. Importuna glòria esquece.
Requer meu fado humilhaçáo táo triste.
Feliz, se te enternecem minhas làgrimas.
Sem còrar terna mái se te ajöêlha.
Ai! E' a espôsa tua, que te arrancáo!
Nesta fausta esperança eu a educara.
Trazes-nos tu a tão funestos sìtios,
E teu nome, Senhor, a guia à morte.
Irà ella, implorando os justos Divos,
As aras abraçar do seu supplìcio?
Sò a tì ella tem. Tu ès nest' hora
Seu pai, seu spôso, seu broquel, seus Deuses.
A dor, que te urge atroz, leio em teus olhos.
Junto do espôso teu te deixo, oh filha.
Espera-me, Senhor, náo a abandones.
Do espôso pèrfido à presença côrro:
Náo sustarà as furias, que me animáo.
Ou, se a seus golpes te roubar não posso,
Antes de ti me immolaráo, oh filha.

SCENA VI.

Achilles, Iphigènia.

Achil. SEnhôra, mudo estou qual pedra immovel.
Falla comigo, conhece êlle Achilles?
Pensa por ti dever a mái rogar-me?
Humilhar-se a meus pès uma raïnha!
Deshonrarem-me injustos alaridos!
Pâra me enternecer verter-se pranto!
Quem mais do que eu guardar teus dias deve?
De certo ah! na fè minha confiar podem.

Diz-me respeito o ultrage: ouse-se tudo;
Que eu da vida respondo unida à minha.
Mas a dor, que me punge, adiante passa.
Salvar-te è pouco, là côrro a vingar-te,
E de um revez punir o infando enrêdo,
Que armar-se contra ti de meu nome ousa.

Iphig. Ah, espera, Senhor, digna-te ouvir-me.

Achil. Que, Senhôra! Que um bàrbaro me insulte?
Vê que o ultrage do irmão vingar-lhe côrro,
Sabe que, o voto dando-lhe primeiro,
Vinte reis, seus rivaes, por mim commanda,
E por cuidados meus, por meus trabalhos,
Por tôdo o prèmio em fim de illustres palmas,
Que oiro, vingança, glòria devem dar-lhe,
Gloriando-me, feliz, ser teu espôso,
Sò a honra de ser teu lhe demandava.
Com tudo hôje, perjuro, sanguinàrio,
Pouco è violar as leis de amigo, e sangue:
Pouco è querer mostrar-me sob o alfange
Teu coração fumeando sôbre uma ara.
Co' a pompa de hymenêo cobre o assassinio,
E quer que eu sêja quem te guie à morte;
Que esta crèdula mão dirija o ferro;
Que sêja eu teu algoz em vez de espôso.
Que tal achavas o hymenêo sanguento,
Se eu mais um dia retardasse a vinda?
Quê pois! A seu furor entregue agora,
Debalde irias ao altar buscar-me;
E morta fôras c'o imprevisto alfange,
Accusando meu nome de perfìdia!
Convêm desta traição, dêste attentado
Pedir-lhe contas ante os Grêgos tôdos.
Na honra do espôso tu interessada,
Senhôra, approvar deves meus desìgnios.
Convêm que o despiadôso, que me insulta,
Conheça de que nome abusar ousa.

Iphig. Ai! Se me tens amor, se escutar queres,
Por graça extrema, as sùpplicas da amante,
E' agora, Senhor, da prova o tempo.
Vê que o impiedôso, que attacar pertendes,
O injusto, o imigo, o sanguinàrio, o bàrbaro,

Vê, faça o que fizer, meu pai è sempre.
Achil. Elle teu pai? Dêsde o hòrrido attentado
Sò por teu assassino o reconhêço.
Iphig. E' meu pai, oh Senhor; inda to digo;
Um pai, que eu amo, um pai, que eu idolatro,
A quem sou cara, a quem thè hôje mêsmo
Sò dêvo de alto amor provas sem conto.
Minha alma, em tal respeito dêsde o bêrço,
E' fôrça que se afflija de seus damnos.
Longe de agora, por mudança ràpida,
O furor approvar de tua còlera;
E longe de a inflammar com meus discursos,
Crê que è precizo amar como te eu amo,
Pâra poder soffrer os nomes hòrridos,
Com que ante mim o teu amor o ultraja.
E por que crês que bàrbaro, e inhumano
Elle não chore o golpe, que me appresta?
Que pai do sangue seu folga privar-se?
Salvara-me êlle, se o fazer podera.
Eu vi correr seu pranto, não duvides.
E' justo condemnal-o antes de ouvil-o?
Ai! Em tantos horrôres jà submerso,
Inda os teus òdios opprimil-o devem?
Achil. Senhôra, entre rasões de horror extremo,
E' êsse o mêdo que a tremer te obriga?
Um cruël, (que outro nome dar-lhe posso?)
De Calchas pêlas mãos vai immolar-te;
E, quando a seu furor ternura opponho,
Pêlo socêgo seu è sò que anhelas!
Mudez me impões! E o escuzas! Tens dò dêlle
Por êlle trêmes, e de mim tens mêdo!
Eis o meu triste amor! Essa è, Senhôra,
Tôda a entrada de Achilles em tua alma?
Iphig. Ah cruël! Esse amor, de que duvidas,
Em rebentar fazel-o tardei tanto?
Vês como impertubada, indifferente,
De minha morte ouvi sanguento annùncio:
Nem cor se quer perdi. Que tu não visses
Meu furor a que excesso voou hà pouco,
Quando, ao chegar, notìcia enganadôra,
Hòrrida, me annunciou tua inconstancia!

Que insania! Que volcão de atras injùrias
Accusou de um revez homens, e Deuses!
Ah, sem eu to dizer, houveras visto
Quanto o amor teu prefiro à pròpria vida.
Quem sabe mêsmo, quem, se o Cèo irado
Poude o nìmio soffrer da minha dita?
Ai! Eu julgava que tão dôce flamma
Alêm da sorte humana me elevava!
Achil. Oh Cèos! Vive, princêza, ou eu não vivo.

SCENA VII.

Clytemnestra, Iphigènia, Achilles, Egine.

Clytem. TUDO, sem ti, Senhor està perdido.
Agamemnon me evita, e ver-me tème;
Approximar-me às aras me recusa.
Guardas por êlle, ah bàrbaro, postadas,
Passar em tôda a parte me prohibem.
Elle me foge: a minha dor o atterra.
Achil. Stà bem, Senhôra; em teu lugar là côrro.
Elle vai ver-me, e tem de ouvir fallar-me.
Iphig. Ah, Senhôra! . . . Ah, Senhor, onde ir pertendes?
Achil. De mim que esperão teus injustos rogos?
Comtigo pugnarei sempre a primeira?
Clytem. Que intentas, filha?
Iphig. Em nome dêsses Deuses,
Detèm, Senhôra, um furiôso amante.
Evitemos tão hòrrida entrevista.
Senhor, exasperaras teus furôres.
Sei onde sabem de um amante as iras:
Zela meu pai a autoridade sua.
Quanto um A'trida è fero, è bem sabido.
Deixa fallar, Senhor, bôccas mais tìmidas.
De certo surpr'endido de eu tardar-lhe,
Buscar-me elle virà dentro de pouco.
Escutarà prantear a mâi afflicta.
Que não me inspirarà a ansiosa ideia
Do chôro prevenir commum a tôdos,
De excessos te poupar, por ti ter vida!

Achil. Tu o queres em fim. Teu gôsto cumpro.
Consêlho salutar proponde-lhe ambas ;
A' rasão o chamai, persüadi-o
Por vòs, por meu descanço, e o seu mais inda.
Em frìvolo fallar momentos perco ;
São precizas acções, e não palavras.
(*a Clytemnestra*)
Senhôra, a te servir vou dispor tudo.
Vai na câmara tua repoizar-te,
Vivirà tua filha, eu to predigo.
Crê pêlo menos, crê, que em quanto eu viva
Debalde os Deuses lhe decretão morte.
Meu orac'lo è mais certo que o de Calchas.

Fim do Terceiro Acto.

ACTO IV.

SCENA I.

Erìphile, *Doris*.

Doris. AH, que me dizes? Que extranhada insania
Faz ter-te inveja de Iphigènia infausta?
Dentro de uma hora expira. E nunca fôste,
Dizes, de sua dita mais zelosa.
Quem o crerà, Senhôra? Quem tão duro . . .
Erìp. Nunca se te escutou mais sã verdade:
Nunca, turbada a mente a afflicções tantas,
Mais ardente invejei della a ventura.
Faustos perigos! Esperança inutil!
Na ânsia de Achilles não lhe viste a glòria?
Bem certos vi signaes; fugi furiosa.
Heroe, que è tão tremendo ao mundo ìnteiro,
Que sò conhece os choros, que motiva,
Que aos choros desde o bêrço è insensivel,
E que, se a voz commum nos não illude,
Mêsmo o sangue mamou de Lïões, e de Ursos,
Apprendeu a temer c'o prigo della;
Ella chorar o vio, turbar-lhe o rosto.
E dò tens della, oh Doris? Quantos males
Por tal chôro usurpar-lhe eu não soffrêra?
Se eu, como ella, expirasse antes de uma hora . . .
Mas que digo? Expirar? Morrer não ha de.
Crês tu que, sepultado em vil lethargo,
Perdêra em vão a cor por ella Achilles?
Achilles della ao mal porà estorvos.
Veràs que o Cèo dictou o tôrvo oràculo
Sò pàra altear-lhe a glòria, e o meu tormento,
E mais bella a mostrar do amante aos olhos.
Quê pois! Não ves o que se faz por ella?
Supprime-se do Cèo mortal sentença,
E, pôsto prompta a pyra jà flammêja,
Inda o nome da vìctima se ignora.

De nada sabe o campo. A tal silêncio
Não vês tu que indeciso um pai vacila?
E que ha de êlle fazer? Que ânimo duro
Assaltos susterà, que lhe prepàrão?
Furor da mãi, as làgrimas da filha,
A desesperação da prole inteira,
O sangue, que em tal caso fàcil cede,
Achilles vingador quasi a atterral-o . . .
Não, digo-to eu; o Cèo condemna-a 'embalde.
Sou, e serei a sò desventurosa.
Ah, se eu crêsse em mim mêsma!

Doris. Que meditas?

Erìp. Não sei quem me tem mão, retêm-me a furìa
Pâra não ir correr, com prompto aviso,
Dos Deuses divulgar a grave ameaça,
E estas infandas tramas pôr patentes,
Contra êlles, e os altares perpetradas.

Doris. Ah, que intenção, Senhôra!

Erìp. Ah, que alegria!
Que incenso não ardêra em Tròicos Templos!
Se, por vingar-me, eu, intrigando os Grêgos,
Agamemnon armara contra Achilles;
Se seu òdio, esquecendo a Teucra injùria,
Nêlles cravara o arpão, que buìdo a ameaça;
Se, com tôrvo rumor, do campo inteiro
Eu dera à pàtria um fausto sacrifìcio!

Doris. Oiço ruìdo. Vem gente: è Clytemnestra.
Torna, Senhôra, a ti, ou foge della.

Erip. Entremos. Por obstar consòrcio odiôso
Consultemos furor, que os Cèos approvem.

SCENA II.

Clytemnestra, Egine.

Clytem. EGine, tu a ves convêm fugir-lhe.
Bem longe de chorar, tremer da morte,
Desculpa a filha ao pai, e quer que eu inda
Respeite a mão, que o coração lhe punge.
Oh constancia! Oh respeito! O monstro na ara
De tarda a increpa em prèmio da ternura!

Espero-o. Elle virà tomar-me contas :
Cobrir a vil traição crê poder inda.
Eil-o. Sem impugnar sua injustiça ,
Vejamos se sustêm o ardil infame.

SCENA III.

Agamemnon , Clytemnestra , Egine.

Agam. QUE fazes tu , Senhôra ? E nêstes sìtios
Por quê não tens comtigo a filha tua ?
Por Arcas te ordenei mandal-a às aras :
Ella que espera ? E's tu que a retardaste ?
A meus justos dezêjos não te prestas ?
Ella aos altares ir sem ti não póde ?
Falla.
Clytem. Partir se è fôrça , eil-a jà prompta.
E a ti , Senhor , a ti nada te embarga ?
Agam. A mim , Senhôra ?
Clytem. Jà tudo apprestaste ?
Agam. Cálchas là stà , Senhôra , e o altar ornado.
Faço o que jus legìtimo me ordena.
Clytem. Da vìctima , Senhor , tu não me fallas ?
Agam. Que me queres dizer ? Que zêlo ansiôso . . .

SCENA IV.

Agamemnon , Clytemnestra , Iphigènia , Egine.

Clytem. VEM , filha minha , vem , que sò te aguardão:
Vem pelo seu amor ao pai dar graças ,
E que mêsmo te guiar pertende às aras.
Agam. Que vêjo ! Que discurso ! Oh filha ! E choras !
Tìmidos baixas ante mim os olhos !
Que desorde ! Eis em pranto a mãi , e a filha !
Ah , tu trahiste-me , Arcas . . .
Iphig. Não te assustes ;
Meu adorado pai , não ès trahido.
Sempre obedecer-te-hão quando o ordenares.
Tenho a vida de ti : de nôvo a queres ?

Teu mando faze ouvir sem mais rodeios.
De ar tão contente, e peito tão submisso
Como acceitava o espôso, que me deste,
Mansa vìctima irei, se è necessàrio,
Dar de Calchas ao ferro o collo puro,
E, respeitando o golpe, que me ordenas,
O sangue, que me deste, restituir-te.
Mas se esta submissão, se ềste respeito
O crês merecedor de outros destinos,
Se a dor da mãi chorosa compadeces,
Soffre que eu diga que bastantes honras
No estado meu talvez me circundavão
Pàra eu não dezejar perder a vida;
Nem que, extorquindo-ma, o severo fado
Me urdisse o fim tão perto da nascença.
Filha de Agamemnon, eu, a primeira
Te dei, Senhor, de pai o dôce nome;
Sou eu, que, sempre o gôzo de teus olhos,
De tal nome te fiz aos Cèos dar graças;
E a quem, tuas carìcias prodigando,
Mostraste tanta vez do sangue o debil.
Ai! Com prazer fazia repetir-me
Tôdos, que ïas domar, vastos païzes,
E, presagiando jà de Ilio a conquista,
Da alta victòria a festa eu preparava;
Nem me occurria que, encetando as mortes,
Pâra o ganhares, fôsse adiante a minha.
Não que o mêdo do golpe, que me espera,
Me urja a lembrar-te o teu amor passado.
Nada temas. Zelosa da honra tua,
Nunca envergonharei um pai tão nobre;
E se eu sò minha vida defendêsse,
Saudade suffocara tão pungente:
Mas a meu triste fado a mãi, o amante,
Tu bem sabes, Senhor, prendeu seu fado.
Um rei digno de ti creu ver o dia,
Que nosso alto hymenêo abrilhantasse.
Seguro em meu amor, que eu dera ao dêlle,
Jà se cria feliz: tu mo outorgaste.
Sabe êlle o teu querer; seu terror julga.
Vês minha mãi, o pranto vês correr-lhe.

Esforços, que tentei, Senhor, perdôa:
Tentei pranto evitar, que vou causar-lhes.
Agam. Bem certo è, filha minha. Ignoro o crime,
Por que vìctima peça a ira dos Deuses.
Nomeàrão-te êlles. Quer infando oràculo
Que o sangue teu aqui as aras tinja.
Por das sanguentas leis guardar-te a vida
O meu amor não te esperou as preces.
Não te direi o quanto hei resistido;
Acredita êste amor, que mêsma attestas.
Inda esta noite, deves jà sabel-o,
As ordens revoguei por fôrça dadas.
Eu jà te preferia à Grècia inteira.
Arriscava por ti meu cargo, e sangue.
Do campo Arcas partio vedar-te a entrada.
Que êlle te não achasse os Cèos quizerão;
Do infeliz pai cuidados illudirão,
Que em vão se oppunha o seu mortal decreto.
Em meu fragil poder nada confies.
Que freio sustar pode ao pôvo a audacia,
Se, dêlle ao louco zêlo os Cèos nos dando,
Do jugo o livrão, que a pezar trazia?
Fôrça è, filha, ceder. Chegou tua hora.
Vê em que erguido grào fôste educada.
Dou-te um consêlho, que de dor me parte.
Tu morres menos que eu c' o infando golpe:
Mostra, expirando, de que prole ès filha;
Faze os Deuses còrar, que te condemnão.
Vem. Reconhêça a Grècia, que te immola,
No sangue teu de Agamemnon o sangue.
Clytem. Tu não desmentes tua raça odiosa;
Sim, o sangue tu ès de Atreo, e Thyeste.
Algoz da filha, em fim não mais te resta
Que à mãi a dares em banquête horrivel.
Bàrbaro! E' êste o fausto sacrifìcio,
Que preparavas com ardìs tão nêgros!
Quê! O horror de approvar o atroz decreto
Nao te retêve a mão quando o traçaste!
Por que fingir-nos tal tristêza futil?
Crês com prantos provar tua ternura?
Onde essas pugnas stão, que deste em campo?

Quaes por ella espalhaste ondas de sangue?
Que destrôço aquì marca os teus debates?
Qual campo em mortos farto à mudez me urge?
Com testemunhas taes provar convinha,
Cruël, que teu amor tentou salval-a.
Orac'lo horrendo ordena que ella expire:
Em tudo quanto diz è certo o oràc'lo?
O Cèo, o justo Cèo com mortes se honra?
Sequiôso êlle è do sangue da innocencia?
Se deve a prole expiar de Helena o crime,
De Sparta venha sua filha Hermiöne.
Resgatar Menelào deixa, a tal preço,
A infame espôsa, que ama descarado.
Mas tu por que furor ès della a vìctima?
Por que do crime seu te impões a pena?
Por que mêsmo eu, rasgando-me as entranhas,
De meu sangue co'a flor pagar-lhe a insania?
Que digo? Esse motor de tantos zêlos,
Essa Helena, afflicçâo da Europa, e da A'sia,
A crês das acções tuas digno prèmio?
Quantas vêzes coràmos a seus crimes?
Mào nò a teu irmão sem inda unil-a,
Roubal-a ousou Theseo do pàtrio asilo.
Sabes, Calchas mil vèzes to tem dito,
Que hymen occulto abrio seu leito ao prìncipe,
E que êlle houve em penhor uma princêza,
Que a mâi della escondeu à Grècia inteira.
Mas não: o amor do irmão, a honra lesada
São as rasões menores que te appressão;
A sêde de reinar inextinguivel,
O orgulho em ver reis vinte sob teu mando,
Do impèrio tôdo a sorte a ti confiada,
Cruël, os Deuses são, a quem immolas;
E, longe de impedir golpe horrorôso,
Queres ter nêlle um mèrito execrando.
Nìmio avaro de um grào, que perder podes,
Do proprio sangue, oh monstro, vas pagal-o;
E a prêço queres tal sustar a audàcia
De quem taes honras disputar te possa.
E' isso o que è ser pai? Ah! Que perfidia!
E' tão tyranna que me aliena a mente!

Entre turmas crüeis um sacerdote
Contra a filha erguer-me-hà mão criminosa!
Seu seïo rasgarà! Curiôso os Deuses
Consultar-lhe-hà no coração tremente!
E eu, que a truxe adorada, trïumphante,
Daqui tornarei sò, desesperada!
Os caminhos verei inda cheirosos
Das flôres, que por ella os tapissavão!
Não: ao supplìcio atroz eu não a guiava,
Onde hòstia dupla immolaràs aos Grêgos.
Nem respeito, ou temor pode affastar-me:
Arrancar-ma-hão dos braços sanguentados.
Bàrbaro espôso, pai fervendo em crimes,
Roubal-a à pròpria mãi vem, se te atreves.
Eis teu caminho, oh filha, e a meus preceitos,
Pêla vez derradeira, inda obedece.

SCENA V.

Agamemnon só.

NÃO devia esperar menos furôres.
Eis, eis os gritos, que eu ouvir temia.
Feliz, se na confusa mente ondeante
Nada mais que êstes gritos eu temêsse!
Ai! Impondo-me lei tão inhumana,
Por que deixar-me, oh Cèos, o amor paterno!

SCENA VI.

Achilles, Agamemnon.

Achil. CHegou rumor estranho a meus ouvidos,
Senhor; digno de fè não o hei julgado.
Diz-se, e não posso sem horror contal-o,
Que por teu mando expira hôje Iphigènia;
Que tu, soppeando humanos sentimentos,
Tu, por tua mão mêsma a deste a Calchas:
Diz-se que, em nome meu chamada às aras,
Eu là pâra a immolar sou quem a guio;
Que, por falso hymenêo tu illudindo-nos,

Tão vergonhôso cargo ousas confiar-me.
Que dizes tu, Senhor? Que pensar dêvo?
Rumor não callaràs, que te deshonra?

Agam. Conta não dou, Senhor, de meus desìgnios.
Meus règios mandos minha filha ignora;
E quando tempo for que ella os conhêça,
Seu fado saberàs, dil-o-hei no exèrcito.

Achil. Ah, o fado eu jà sei, que lhe reservas!

Agam. Se o sabes jà, Senhor, por que o perguntas?

Achil. Por que o pergunto? Oh Cèo! E crêl-o posso?
Que o mais nêgro furor confessar-se ouse!
Crês que, approvando teu desìgnio odiôso,
Immolar ante mim te eu deixe a filha?
Que a fè minha, o amor meu, minha honra o sôffra?

Agam. Mas tu, que em tom de ameaça ousas fallar-me,
A caso esqueces tu quem interrogas?

Achil. E esqueces tu que eu amo, e que me ultrajas?

Agam. Quem a teu cargo poz minha famìlia?
De uma filha sem ti dispor não posso?
Cessei de ser seu pai? Es tu seu spôso?
E não pode ella . . . .

Achil. Não; não mais è tua.
Não me deixo illudir com vãs promessas,
Tanto que o ùltimo sangue em mim circule.
Tinhas de à minha unir a sorte della:
Meu jus defenderei, que me juraste.
Não foi por mim que lhe ordenaste a vinda?

Agam. Queixa-te aos Deuses, pois que ma demandão.
Accusa Calchas, tôdo o campo accusa,
Ulysses, Menelào, e a ti primeiro.

Achil. A mim!

Agam. A ti, que da A'sia a posse anhelas,
E o Cèo, que te detêm, contínuo insultas:
A ti, que te offendeu meu justo mêdo,
E hàs no campo espalhado os teus furôres.
Meu amor de a salvar te abrio caminho;
Mas tu sò queres, tu sò buscas Tròia.
Fechei-te o campo onde correr pertendes.
Querel-o? Parte: eis to abre ella co' a morte.

Achil. Cèo justo! E escuto, e sôffro estas blasfemias!
E' assim que ao perjùrio o ultraje ajuntas?

Eu, partir eu à custa de seus dias?
E essa Tròia, onde vou, em que me offende?
Que interesse me chama a seus baluartes?
Por que, da Deusa mâi à voz eu surdo,
Do afflicto pai consêlhos desprezando,
Buscar a morte vou tanto predicta?
Algumas nàos das ribas do Scamandro
Surgir ousàrão de Thessàlia em terras?
Ou vil rapto em Larisso perpetrando,
Roubar-me veio alguem irmã, ou spôsa?
Quaes queixas tenho? Que è das pêrdas minhas?
Eu sò por ti là vou, bàrbaro monstro;
Por ti: dos Grêgos sou quem to não dêve.
Tu, que eu fiz eleger seu, e meu chefe,
Tu, que esta mão vingou com Lèsbias chammas
Antes que teu exèrcito juntaras:
Qual o motivo foi, que urdio a alliança?
Não vamos restituir Helena ao spôso?
Dêsde quando se crê que, a mim inutil,
Eu me deixe roubar a spôsa, que amo?
Sò teu irmão, picando-o vil affronta,
Do amor vingar lesado tem direitos?
A tua filha amei, fui della amado;
Nella depositei meus juramentos.
Feliz com sua mão, nàos, armas, tropas,
Tudo lhe dei, e a Menelào dei nada.
Prosiga êlle, se quer, roubada a spôsa;
Reservada a meu sangue busque a glòria;
Nem Prìämo conhêço, Helena, ou Pàris:
Quero-te a filha; è sò por quem eu parto.
Agam. Foge pois. Corre a ver tua Thessàlia.
Do juramento o nò mêsmo eu to annullo.
Muitos outros virão, sob o meu mando,
Ornar-se dos laureis, que te aguardavão;
E por altas acções forçando a forte,
Os momentos fataes acharão de I'lio.
Vislumbro o teu desprêso, e julgo, ouvindo-te,
Quão caro eu compraria os teus soccorros,
Tu àrbitro da Grècia jà te ostentas;
Seus reis, a crer-te, derão-me um vão tìtulo.
Fero de teu valor, queres que o Mundo

Sob leis tuas se curve, e marche, e trema.
Lançar-se em rôsto um bem è sempre affronta.
Quero eu menos valor, mais obediencia.
Foge. Tua ira fùtil nada temo:
Rompo tôdos os nòs, que a ti me ligão.

Achil. Dà graças ao sò nò, que me obsta a fùria.
De Iphigènia inda o pai em ti respeito.
De reis tantos o rei, sem êste nome,
Quiçà por vez final me enxovalhasse.
Resta-me um sò dizer; convêm-te ouvil-o.
Defendo tua filha, e a minha glòria.
Pàra ir ao coração, que pungir queres,
Eis por onde abrir deves teu caminho.
(*à palavra* Eis *põe com ìmpeto a mão sôbre o peito.*)

SCENA VII.

Agamemnon sò.

EIS o que lhe urde inevitavel pèrda.
Sò Iphigènia mais temivel fôra.
Teu insolente amor, crendo espantar-me,
Appressa o golpe, que sustar intentas.
Não mais deliberar. Arrosto-lhe a ira.
Minha glòria empenhada tem mais pêzo.
Achilles por feroz picou meu brio;
Minha piedade parecêra mêdo.
Holà, Guardas.

SCENA VIII.

Agamemnon, Eurìbato, Guardas.

Eurab. SEnhor.
Agam. Que fazer ouso?
Posso-lhe pronunciar sanguento aviso?
Pàra que pugnas, cruel, convêm munir-te?
Qual inimigo êste è, que lhes entregas?
A mãi, a mãi intrèpida me espera,
Que do pai homicida ha de escudal-a.

Menos bàrbaros que eu verei soldados
A filha de seu rei honrar submissos.
Fero ameaça-me Achilles, tem-me em nada.
Mas da filha a obediencia acaso affroixa?
Minha filha, do altar fugir tentando,
Do golpe gème, que eu ergui contra ella?
Monstro! Um zêlo sacrìlego que intenta?
Que voto hei de fazer-lhe ao ver seu sangue?
Por gloriôso que for prèmio outorgado,
Regados com seu sangue amarei loiros?
Quero maciar do Cèo o poder summo.
Ah! Que Deus mais cruël do que eu me fôra?
Não posso. Eu cêdo ao sangue, a amor eu cêdo:
Não mais eu core de piedade justa.
Viva ella . . . Que? Da glòria pouco avaro
Deixarei a victòria ao fero Achilles?
Seu temeràrio orgulho, a quem dou fôrças,
Crerà que lhe cedi, que fez tremer-me.
Que tão frìvolo estôrvo me embaraça?
O audaz Achilles humilhar não posso?
Rale-lhe o coração mêsmo Iphigènia.
Tem-lhe êlle amor: vel-a-hà nos braços de outro.
A princêza, e a raïnha chama, Eurìbato.
Não mais tem que temer.

SCENA IX.

Agamemnon sò.

CÈO! Se o teu òdio
Insta em dos braços meus querer roubal-a,
Diante de ti que pòde o fraco Mundo?
Longe de a soccorrer, eu, pai, a opprimo;
Bem sei. Mas, alto Cèo, uma tal vìctima
Vale que, confirmando ìmprobas ordens,
Tu inda vez segunda ma demandes.

SCENA X.

Agamemnon , Clytemnestra , Iphigènia , Erìphile , Eurìbato , Doris , Guardas.

Agam. VAI , vai , Senhôra ; cuida-lhe a existencia.
Eis tua filha , leva-a , eu ta confio :
Corre bem longe desta acerba margem.
Meus Guardas vão-te apòz às ordens de Arcas.
A imprudencia feliz eu lhe disculpo.
Da pressa , e do segrêdo pende tudo.
Calchas , e Ulysses inda não fallàrão.
Cuidado ; êlles tal fuga não aventem.
Esconde a filha bem ; o campo julgue
Que a guardo eu junto a mim , que tu te ausentas.
Foge. Ao Cèo praza , farto de meu chôro ,
Roubar-ma longo tempo aos tristes olhos.
A raïnha segui.

(*para os Guardas*)

Clytem. Senhor !
Iphig. Pai caro !
Agam. De Calchas prevenì a ansia severa.
Fugi , fugi. Eu vou , pâra bem vosso ,
Com fingidas rasões tecer-lhe enganos.
Vou fazer suspender funesta pompa ,
E pedir-lhe me cêda o resto de hôje.

SCENA XI.

Erìphile , Doris.

Erìp. SEgue-me , Doris. O caminho è êste.
Doris. Tu não as segues ?
Erìp. Ai ! Em fim succumbo !
Da ternura de Achilles vêjo o effeito.
Não mais suffocarei inutil raìva.
Cessem rasões. Môrra eu , ou lhe urda a morte.
Vem presto. Descobrir vou tudo a Calchas.

Fim do Quarto Acto.

ACTO V.

SCENA I.

Iphigènia , Egine.

Iphig. NÃO mais me sustes. Vai , minha mãi busca,
Egine ; è fôrça aos Cèos maciar a còlera.
Por meu sangue ìnfeliz , que ousão roubar-lhes ,
Vê que nêgra a tormenta a cahir prestes.
O estado triste da raïnha observa :
Obstando-nos a fuga eis tôdo o campo.
Com que insolencia em tôda a parte os dardos
Fizerão relampear a nossos olhos !
Batida a guarda , minha mãi desmaia . . .
Ah , muito a exponho ; deixa-me fugir-lhe !
E , sem atter-me a seus soccorros fùteis ,
Deixa de seu lethargo approveitar-me.
Meu pai mêsmo , ai ! Pois que dizer-to è fôrça,
Meu pai , salvando-me , a expirar me obriga.
Egine. Elle , Senhôra ! Quê ! Que atro successo . . .
Iphig. Talvez o ardente Achilles o offendêsse.
Tem-lhe òdio o rei , e quer que òdio eu lhe tenha.
Deu a meu coração pena tão hòrrida ;
Por Arcas me explicou as ordens suas,
Egine , e mais fallar-lhe me prohibe.
Egine. Ah , Senhôra !
Iphig. Ah , sentença ! O'dio inaudito !
Cèo , tu mais brando a vida sò me pedes !
Obediènte morramos. Mâs que vêjo !
Deuses , Achilles !

SCENA II.

Achilles , Iphigènia.

Achil. VEM , Senhôra ; segue-me.
Gritos não temas , nem as fùteis turmas,
Que desta tenda em derredor se appinhão.

Parece. Os golpes meus não aguardando,
Logo se te abre essa onda tumultuosa.
Patroclo, e inda mais chefes meus amigos,
Là te trazem a flor de meus Thessàlios;
E, junto a meus pendões o resto em armas,
Nas fileiras te dão muro invencivel.
Tal azilo oppor quero a teus algôzes;
Venhão buscar-te aos pavilhões de Achilles.
E' êsse o auxìlio, que me dàs, Senhôra?
E' com prantos que agora me respondes?
Inda confìas em tão fracas armas?
Demos pressa. Teu pai jà vio teu chôro.

Iphig. Bem sei, Senhor. Assim minha esperança
E' sò na morte; resignada a acceito.

Achil. Tu morrer! Tu? Ah, cessa tal linguage!
Peza que juramento nos enlaça.
Peza, pâra evitar mais vãos discursos,
Que a minha dita de teus dias pende.

Iphig. O Cèo aos dias desta desgraçada
A dita não ligou da tua sorte.
O amor nos enganava, e o fado ordena
Que a minha morte brote a tua dita.
Vê, Senhor, vê colheitas de altos loiros,
Que a Glòria off'rece a tuas mãos valentes.
O campo honrôso, a que aspiraes vòs tôdos,
Se meu sangue o não rega, esteril fìca.
Eis a lei, que a meu pai os Cèos dictarão.
Debalde a regeitou, foi surdo a Calchas.
Os Grêgos, contra mim jà conjurados,
Nìmio dizem dos Cèos decreto eterno.
Parte; que as honras tuas eu te estorvo.
Tu mêsmo salva a fè de teus oràculos.
Ver deixa o heròe à Grècia promettido;
Nos inimigos seus tua dor vinga.
Jà Prïamo a cor perde; e Tròia em susto
Vê minha pyra arder, trème a teu pranto.
Vai; e nos muros seus vazios de homens,
Faze chorar-me a morte às Teucras viuvas.
Nesta esperança mòrro satisfeita.
Se eu não pude viver spôsa de Achilles,
Espero ao menos que porvir famôso

A teu nome immortal junte o meu nome ;
Que a minha morte , à tua glòria origem ,
Primo facto serà dessa alta història.
Dos Deuses digna prole adeus , e vive.

Achil. Não , não acceito teu adeus funesto.
Em vão tua atra astùcia , com taes vozes ,
Serve teu pai , minha ternura illude.
Em vão pertendes , obstinada à morte ,
Em tanto crime interessar-me a glòria.
Taes colheitas de loiro , honras , conquistas ,
Servindo-te , esta mão as acha promptas.
E quem de meu favor quizera honrar-se ,
Se não vale a te dar prompto consòrcio ?
Minha glòria , o amor meu viver te ordenão.
Vem Senhôra ; convêm crer-me , e seguir-me.

Iphig. Quem ? Eu ? Que eu , contra o pai me revoltando,
Merêça a morte , que evitar quizera ?
Onde o respeito fôra , e o dever summo . . .

Achil. Segues o spôso que êlle te outorgara ;
Tìtulo em vão que me roubar êlle insta.
Sò pâra êlle os violar faz juramentos ?
Tu mêsma , tão severa em teus devêres ,
Quando êlle a mim te deu , teu pai não era ?
Seus despòticos mandos tu sò segues ,
Quando jà não è pai , e algoz se ostenta ?
Muito tardas , princêza , e meus temôres . . .

Iphig. Quê , Senhor ? Iràs tu thè violentar-me ?
De ìgneos transportes escutando os crimes ,
Coroarias assim minhas desgraças ?
Minha vida em mais tens que a minha glòria ?
De Iphigènia infeliz , ah ! Compadece-te !
Sujeita a lei , que respeitar eu dêvo ,
Jà falto a meu dever dando-te ouvidos.
Tua injusta victòria não prosigas :
Ou , por mim immolada à minha glòria ,
Livrar-me saberei , em taes extremos ,
Do generôso auxìlio , que me prestas.

Achil. Bem està. Nada mais. Cruël , ob'dece ,
E busca a morte , que tão bella a antolhas.
Leva a teu pai um peito , onde eu vislumbro
Mais òdio contra mim que amor por êlle.

Legìtimo furor embêbo na alma.
Vàs ao altar, Senhôra, e eu jà là cõrro.
Se està sfaimado o Cèo de sangue, e mortos,
Nunca fumou mais sangue em seus altares.
Meu amor cego legitima tudo.
Immolarei primeiro o sacerdote.
Prostrada a pyra, sôlta em mil pedaços,
Farei nadal-a em sangue dos algôzes.
E, se no horror desta desorde extrema,
Teu pai ferido cahe, e mêsmo morre,
De teu respeito então vendo o agro fructo,
Golpes, que dirigiste, reconhece.

Iphig. Ah, Senhor! Ah, cruël! ... Mâs foge, e escapa-me.
Tu, que queres que eu morra, eis-me sò, fere,
Finda-me, justo Cèo, o horror, e a vida,
Lança raïos, que sò em mim se empreguem!

SCENA III.

Clytemnestra, Iphigènia, Egine, Eurybato, Guardas.

Clytem. SIM, eu defendel-a-hei de tôdo o exèrcito.
Cobardes, atraiçoaes raïnha oppressa!

Eury. Não, Senhôra; commanda-nos, e basta:
Combattendo, a teus pès morrer sabemos.
Mas de tão fracas mãos que esperar podes?
Quem basta contra tantos inimigos?
Não è jà louco pôvo amutinado,
E' de atro zêlo o campo inteiro cego.
Foi-se a piedade; sò Calchas impera.
Fanàtica impiedade exige a vìctima.
De seu poder privar-se o rei observa,
Mêsmo ceder nos manda ao tôrvo impulso.
Achilles, que urge tudo, Achilles fòra,
Em tal tormenta, de valor baldado.
Que farà êlle? E quem decipar ouse
Tão grande vaga hostil prompta a sorvel-o?

Clytem. Venhão provar em mim seu ìmpio zêlo:
Arranquem-me da vida o curto resto.
A morte, sò a morte os nòs estrague,

Que vou travar c'os braços meus, e os della.
Primeiro de meu côrpo ir-se-hà minha alma
Que eu sôffra nunca . . . Ah, filha!

Iphig. Ah, mãi querida!
Sob qual astro cruël à luz mostraste
De tão extremo amor o triste objecto?
Porêm no caso actual que fazer podes?
Tu tens a combatter homens, e Deuses.
Expor-te-hàs contra um pôvo furibundo?
Não vàs em campo, que te affronta o espôso,
Unica a me reter em vão teimosa;
E talvez por soldados maltratada,
Por tôdo o fructo dar de infauto esfôrço
Scena a meus olhos mais cruël que a morte.
Vai. Que a Grècia em furor sua obra accabe,
E esta marge infeliz eterno deixa.
Da pyra, que me espera aqui visinha,
Teràs de ver a nêgra claridade.
Se amor me tens, de mãi pêlo amor terno,
Nunca ao pai minha morte reprehendas.

Clytem. Elle, que o coração te off'rece a Calchas?

Iphig. Que não tentou por dar-me a tuas làgrimas!

Clytem. Com que traição me illudes, oh tyranno!

Iphig. Elle me tem dos Cèos, aos Cèos me entrega.
Tôdo o fructo de amor em mim não perdes.
Possues outros nòs, que ao pai te enlação.
Tens minha image em meu irmão Orestes:
Sêja êlle, oh Cèos, à mãi menos funesto.
Dêsse pôvo impaciente ouve o alarido.
Abre-me os braços teus a vez extrema,
Senhôra; e, recorrendo à alta virtude . . .
Eurybato, ao altar conduze a vìctima.

SCENA IV.

Clytemnestra, Egine, Guardas.

Clytem. NÃO, tu não iràs sò; e eu não pertendo . . .
Mas que atra multidão me embarga os passos?
Falsos, fartai a sêde sanguinària.

Egine. Onde, Senhôra, corres? E que intentas?
Clytem. Ai! Inuteis esforços me consomem!
Eis turbulento o horror, que apenas deixo!
Morrerei tanta vez antes da morte!
Egine. Ah, sabes tu, Senhôra, o crime, o engano?
E de qnem? Sabes tu que serpe cruenta
Iphigènia affagou no seio puro?
Trazida aqui por ti a falsa Erìphile,
Unica aos Grêgos tua fuga dice.
Clytem. Oh monstro, abôrto da feroz Megera!
Monstro, que em nossos braços poz o Inferno!
Quê! Tu não morreràs? Teu crime horrendo . . .
Mas onde vai buscar minha dor vìctimas?
Pâra as mil nàos tragar, tragar os Grêgos,
Oh mar, não abriràs novos abismos?
Quê! Lançando-os do pôrto, que os encerra,
A A'ulide, e vomitando a frota infanda,
Esse vento accusado hà tanto, o vento
De espedaçadas nàos cobrir não te ha de?
E tu, oh Sol, e tu, que nêstes sìtios
De Atreo o herdeiro, e o filho reconheces;
Tu, que ao pàtrio banquête a luz negaste,
Recua; tal horror êlles te ensinão!
Mas eis que . . . Oh Cèo! Oh mãi desventurosa!
Coroada a filha de festões horrendos,
Dà collo ao ferro pêlo pai erguido!
Vai Calchas em seu sangue . . . Esperai, bàrbaros!
Puro sangue è do Deus, que lança o raio.
Eis que ronca o trovão, e trème a terra.
Um Deus, Deus vingador seus golpes trôa.

SCENA V.

Clytemnèstra, Egine, Arcas, Guardas.

Arc. SEnhôra, è certo, um Deus por ti combatte.
Achilles nêste instante è teu appoïo.
Rompeu dos Grêgos a barreira fràgil.
Achilles stà no altar. Sem tino è Calchas.
O fatal sacrifìcio inda è suspenso. . . .

Ameação, correm, geme o ar, brilha o ferro.
De tua filha em tôrno arranja Achilles
Tôdo o bando fïel de seus amigos.
Tìmido Agamemnon, triste a tal scena,
Pâra não ver as mortes, que se agoira,
Ou por cobrir seu pranto, o rôsto occulta.
Vem, pois que êlle se calla, vem o auxìlio
Co' a voz tua appoiar do heroe Achilles.
Co' as pròprias mãos fumando em sangue tinctas
Quer pôr nos braços teus a sua amante:
Elle me encarregou de guiar teus passos.
Não temas.

Clytem. Eu temer! Corramos, Arcas!
Não perderei a cor ao maïor p'rigo.
A tôda a parte irei. Cèos! Vêjo Ulysses?
E' êlle! Arcas, tarde è: morreu-me a filha.

SCENA ULTIMA.

Ulysses, Clytemnestra, Arcas, Egine, Guardas.

Ulys. NÃO, Senhôra; ella è viva, e o Cèo contente.
Socega. Os justos Deuses ta concedem.

Clytem. Ella è viva! Ah! E ès tu que vens dizer-mo!

Ulys. Sim, Senhôra, sou eu, que longo tempo
Contra ella, contra ti firmei teu spôso;
Eu, que, zelando às armas Grêgas a honra,
Austero conselheiro, urgi-te ao pranto;
Eu venho, pois que o Cèo quiz applacar-se,
Os sustos reparar, que te hei causado.

Clytem. Minha filha! Ah, Senhor! Cèos! Stou sem tino!
Prìncipe, que milagre, ou Deus m' a torna?

Ulys. Vês-me a mim mêsmo, nêste fausto instante,
Cheio de sacro horror, cheio de gôsto.
Nunca tão mortal dia ameaçou Grècia.
Jà possuindo a Discòrdia o campo inteiro,
Tinha a tôdos fatal vendado os olhos.
Co' a scena horrivel tua filha ansiada
Por ella Achilles vio, contra ella o exèrcito.

Mas, mêsmo sò por ella, o irôso Achilles
Atterra o exèrcito, e reparte os Deuses.
Jà sobe aos ares nuvem de remessos;
Jà corre o sangue, e lavra a mortandade.
Eis que, que entre os dois partidos chêga Calchas,
Igneo o olhar, turvo o rosto, hirto o cabêllo,
Cheio do Deus, que, certo, hòrrido o agita:
Achilles = diz = Vòs, Grêgos, dai-me ouvidos.
O Deus, que em minha voz ouvìs fallar-vos,
Me expplica o orac'lo seu, e a sua escôlha.
Outro sangue de Helena, outra Iphigènia
Deixar a vida aqui deve immolada.
Com Helena Theseo tàcito unido
O hymeneo succeder fez della ao roubo.
Houve uma filha; a mâi soube occultal-a:
Dado lhe foi o nome de Iphigènia.
Fructo êste eu então vi de seus amôres;
Aos dias lhe ameacei porvir sinistro.
Com falso nome seu destino adverso,
E seu pròprio furor aqui a trazem.
Ella me vê, me escuta, e vòs a vêdes;
E' ella mêsma em fim que os Cèos demandão.
Assim Calchas fallou. O campo immovel
O ouve com grão pavor, e observa Erìphile.
Ella estava no altar; e talvez na alma
Accusava de tardo o atro supplìcio.
Mêsmo ella hà pouco em sùbita carreira
Viera annunciar aos Grêgos vossa fuga.
Seu fado, e prole tàcito se admira.
Mas, pois que de tal morte o prèmio è Tròia,
Contra ella o exèrcito em voz alta clama,
E a sentença fatal ordena a Calchas.
Jà vai lançar-lhe a mão Calchas austero:
Para = diz ella = a mim não te approximes.
O sangue dêsse heròe, que meu ser dizes,
Vai-se esgotar sem tuas mãos profanas. =
Furiosa vôa; e da ara allì visinha
Tòma o sagrado ferro, e em si o encrava.
Apenas corre o sangue, e tinge a terra,
Os Cèos bem sôbre o altar trovão desatão.
Os ventos silvão no ar em fausto agoiro;

E as vagas remugindo lhes respondem:
A praia gème ao longe alva de espuma,
E sôbre a pyra luz flamma espontanea.
Relampeião os Cèos, abrem-se, e lanção
Entre nòs sancto horror, que nos socega.
Attònito o soldado diz que Diana
Descêra em huma nuvem thè a pyra,
E crê que, erguendo-se envolvida em flammas,
Nossos votos, e incenso aos Cèos levava.
Tôdos exultão. Unica Iphigèuia
Em tal gôso commum chora a inimiga.
Dos braços de seu pai vem recebel-a.
Vem. Ardendo por ver-te Achilles, e êlle,
Senhôra, dêsde agora em mùtuo accôrdo,
Vão confirmar sua allïança augusta.
Clytem. Qual prèmio dar, oh Cèo, a Achilles posso,
E qual incenso a ti por graças tantas!

Fim da Tragèdia.



[illegible]
[illegible]

